

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE HISTÓRIA

MARIANE MARTINS

BISBLIOTECANDO VESTÍGIOS SILENCIOSOS: ACERVO BIBLIOGRÁFICO DE
VICTOR MÁRCIO KONDER (1920-2005)

FLORIANÓPOLIS – SC

2013

MARIANE MARTINS

***BISBLIOTECANDO VESTÍGIOS SILENCIOSOS: ACERVO BIBLIOGRÁFICO DE
VICTOR MÁRCIO KONDER (1920-2005)***

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

FLORIANÓPOLIS - SC

2013

MARIANE MARTINS

**BISBLIOTECANDO VESTÍGIOS SILENCIOSOS: ACERVO BIBLIOGRÁFICO DE
VICTOR MÁRCIO KONDER (1920-2005)**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em História.

Banca Examinadora:

Orientador: _____
Profª Drª Maria Teresa Santos Cunha
UDESC

Membro: _____
Profª Msc. Ana Luíza Mello Santiago de Andrade
UFSC

Membro: _____
Profª Drª Cristiani Bereta da Silva
UDESC

Florianópolis, junho de 2013.

MARIANE MARTINS

***BISBLIOTECANDO VESTÍGIOS SILENCIOSOS: ACERVO BIBLIOGRÁFICO DE
VICTOR MÁRCIO KONDER (1920-2005)***

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em História.

Banca Examinadora:

Orientadora: _____
Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Santos Cunha
UDESC

Membros:

Membro: _____
Prof.^a Msc. Ana Luíza Mello Santiago de Andrade
UFSC

Membro: _____
Prof.^a Dr.^a Cristiani Bereta da Silva
UDESC

Florianópolis, junho de 2013.

Para Odorico Gregório Mariano (vô Dorico),
que sempre vibrou com as conquistas dos
netos nos estudos.

AGRADECIMENTOS

Saber agradecer é privilégio dos grandes, me disse uma excelente professora.

Pai e mãe, como agradecê-los? Passa tanta coisa na hora de escrever o agradecimento a eles. Pai, obrigada por me ajudar e me apoiar na profissão que escolhi. Mãe, obrigada por abrir mão de tanta coisa por mim e por minhas irmãs, acho que conseguimos o que a senhora batalhou a vida toda: estamos formadas e em uma universidade pública.

Às minhas irmãs, Anelise Martins e Mariele Martins, sei que, assim como aos meus pais, posso sempre recorrer à vocês, obrigada pelas inúmeras ajudas. Ao meu cunhado Fabiano Raupp, ou melhor, meu irmão mais velho, sempre me apoiando, me ajudando com a ABNT, puxando minha orelha quando necessário, me dando generosos patrocínios para livros e xerox, muito obrigada.

As mais belas e inteligentes crianças, Davi Raupp e Pedro Raupp, nada mais tranquilizante do que ouvir a risada de vocês.

A vó Soalda, que vive em um presente só dela, mas seu passado foi para as filhas e os netos, não me esqueço das comidas deliciosas no fogão a lenha. A vó Dina, obrigada por se preocupar comigo, obrigada pelas sombrinhas, pela lanterna, pelas frutas, as mesadas, as orações tão poderosas e pelas conversas maravilhosas, a história é sempre mais interessante contada pela senhora.

Aos meus familiares que sempre me ajudaram de algum jeito. A tia Lena e o Zica, a tia Glorinha e o Neri. A meu implicante primo, João, com quem comecei a admirar os livros. Ao Edu, primo historiador, obrigada pelos lanchinhos. A minha prima, Marina, pelas caronas e risadas.

A minhas amigas de longa data, que me deram força sempre, mesmo a distância, obrigada: Mariana, Samira, Sara, Ana e Janaina.

A família LABPAC, nossa são tantos. As professoras Janice Gonçalves e Viviane Trindade Borges e Maria Teresa Santos Cunha, sempre dispostas em ajudar e que sempre foram muito gentis. Ao Mateus Chico que me ensinou a ver o Sol com outros olhos. A Carol Cechella, colega de bolsa e amiga na culinária, sempre prestativa e animada, até mesmo às sete da manhã. A Karla Simone, veterana mais querida, obrigada pelos conselhos, caronas e lanchinhos da tarde. Aprendi com todos.

A minhas colegas de GEHCEL, Gabrielli, Márcia, Tássila (colega de bolsa também), a Maria Fernanda (também colega de bolsa), Ana Luíza, Karen e Luciana. Boas as discussões, os fichamentos e as conversas.

Aos professores da FAED, sei que levo um pouquinho de cada um comigo. Em especial, a Professora Barbara Giese, não me esqueço do seu apoio incondicional no Estágio de Imagem e Som II. A Professora Luciana Rossato, por me ensinar o que é uma pesquisa, por me orientar no meu primeiro artigo. Aprendi muito e agradeço pela maravilhosa oportunidade.

À Professora Cristiani Bereta da Silva por aceitar prontamente ser banca do meu trabalho, assim como também à professora Ana Luíza Mello Santiago de Andrade. Muito Obrigada.

A minha orientadora, tão gentil, inteligente, alegre, positiva, Maria Teresa Santos Cunha. Uma professora encantadora, de uma inteligência ímpar, que nunca se recusou em me ajudar, sempre atenta aos e-mails, e que me deu oportunidades maravilhosas, não me esquecerei desses gestos tão “refinados”, como diz a própria. Agradeço pela bolsa de Iniciação Científica/CNPq, em que aprendi tanta coisa e conheci tantas pessoas, sei que sou privilegiada com essa bolsa. Além disso, nada melhor do que conversar sobre nossa tão linda cidade, Florianópolis, ah e é claro, sobre livros, paixão que nos uniu. Obrigada, professora, em especial por me ensinar como é grandioso o gesto de agradecer.

Ao Flávio, companheiro de faculdade e de estágio, amigo de trabalhos e namorado nas horas vagas, afinal, pra que discutir relação se podemos discutir o regime de historicidade do Hartog? Ou ler TCC um do outro? Ou escutar os dramas acadêmicos? Obrigada pelo apoio, compreensão, xerox, livros, chocolates, brigas, paciência, jantas, cinema, caronas...

Aos meus grandes amigos historiadores, Iara Perin, Antonio Nakazima e Alexandre de Medeiros. A Iara, amiga tão linda, querida e divertida, agradeço por nossas conversas, os cafés, nossos passeios no *shopping*, os presentes, as correções e até mesmo o *bullying*. Ao Antonio, amigo tão especial, carinhoso e inteligente, obrigada por me apoiar, me dar asilo na tua casa, obrigada pelas mensagens inesperadas no celular e por sentar quase quatro anos na minha frente e dar risadas comigo. Ao Ale, amigo mais sério, mas de um coração gigante, obrigada pelas ajudas, as risadas, mas em especial, por me acompanhar nas longas viagens até nossas casas, sei que no jeitão sério tem um menino que ama demais os amigos.

Agradeço ao Thiago de Oliveira, Camila Evaristo, a Fernanda Bordignon e a Bruna Viana, Mariane Heck, colegas de aula e que foram se tornando amigos ao longo dos semestres resistindo ao curso de história. Viva os Originais 2009/2.

Aos veteranos queridos Rober Correa, Carol Amarante e Mariana Aquino.

À Universidade do Estado de Santa Catarina, com seus muitos funcionários, sei que de certa forma cada um contribuiu para a minha formação.

Ao CNPq, por dois anos de bolsa, uma oportunidade enriquecedora.

Agradeço a Victor Márcio Konder, por ser um grande guardador e que me deu um belo objeto de estudo.

RESUMO

MARTINS, Mariane. ***Bisblotecando vestígios silenciosos***: Acervo bibliográfico de Victor Márcio Konder (1920-2005). 2013. 67 f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e licenciatura em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

Victor Márcio Konder (1920-2005) foi um intelectual e professor catarinense que também atuou nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro (PCB) nos anos de 1935 a 1956. Ao longo de sua vida este intelectual foi construindo sua biblioteca, esta doada pela família no ano de 2009 para a Biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina, instituição na qual Konder atuou como professor na década de 1980. Somadas mais de mil obras, os profissionais da área de biblioteconomia consideraram 414 destas como obras raras, conforme seus critérios de seleção. Desta forma, este trabalho pretende esquadrihar a biblioteca pessoal de Konder, levando em conta a importância desses objetos para o campo da história. E neste meio atentar para o perfil deste leitor, insinuado por seus livros possuidores de muitos vestígios, marginais, dedicatórias, objetos-reliquia e assinaturas, deixados pelo próprio no interior das obras. Além disso, intenta-se observar, nas dedicatórias, as redes de sociabilidade em que estava inserido e quem eram essas figuras que ofertavam as obras para Konder. Tal proposta neste trabalho de conclusão de curso só foi possível graças ao projeto de pesquisa *Perfil de uma biblioteca, traços de um leitor: Estudos sobre o acervo de Victor Márcio Konder (1920-2005)*. Logo, a criação deste trabalho é um pequeno recorte desta vasta pesquisa fornecedora de inúmeros possíveis estudos. Victor Márcio Konder juntamente com parte de sua biblioteca é aqui estudado com o intuito, também, de contribuir para outros trabalhos que permeiam história da leitura e escrita.

Palavras-chave: Acervo Pessoal, Dedicatórias, Cultura Escrita, História da Leitura, História do Tempo Presente.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Acervo do colecionador Victor Márcio Konder, já higienizado e salvaguardado em suportes de papel.	14
Figura 2 - Fotografia de Victor Márcio Konder e a esposa, Rosa Konder.	16
Figura 3 – Diários de Classe: disciplina Cultura Brasileira, 2º semestre 1985	28
Figura 4 - Anotações sobre miscigenação no Brasil, (acervo digital LabPac).	29
Figura 5 - Capa do livro Cultura Brasileira, (acervo digital LabPac).	29
Figura 6 - Imagem de um bilhete no interior do livro:	30
Figura 7 - Santinhos (Objetos Relíquias) no interior do livro, (acervo digital LabPac).	33
Figura 8 - Selos (Objetos Relíquias) no interior do livro (acervo digital LabPac).	33
Figura 9 - Cartão (Objeto Relíquia) no interior do livro, (acervo digital LabPac).	34
Figura 10 - Comentários do leitor nos espaços em branco do livro, (acervo digital LabPac). ..	35
Figura 11 - Comentários e marcas de leituras (riscos) no livro, (acervo digital LabPac).	35
Figura 12 - Dedicatória escrita por Konder, (acervo digital LabPac).	43
Figura 13 - Dedicatória ao casal Konder, (acervo LabPac).	47
Figura 14 - Dedicatória ao ilustre mestre (Acervo LabPac).	47
Figura 15 - Dedicatória feliz Natal, (acervo LabPac).	49
Figura 16- Dedicatória de Rangel 1963, (acervo digital LabPac).	52
Figura 17 - Dedicatória de Rangel 1958, (acervo digital LabPac)	52
Figura 18 - Dedicatória de Guerreiro Ramos, (acervo digital LabPac).	54
Figura 19 - Dedicatória de Segismundo, (acervo digital LabPac).	55
Figura 20 - Dedicatória de Costa Pinto, (acervo LabPac).	56
Figura 21 - Dedicatória de Fábio, (acervo digital LabPac)	57
Figura 22 - Dedicatória de Salim Miguel, (acervo digital LabPac).	58
Figura 23 - Dedicatória de Quintiliano, (acervo digital LabPac).	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - Um convite para conhecer uma biblioteca pessoal.....	11
1 - BISBLIOTECAR: CONSTRUINDO UM PASSADO PELAS PÁGINAS DOS LIVROS.....	20
1.1. BISBLIOTECAR E O ACERVO PESSOAL:.....	20
1.2. BIBLIOTECA, LIVROS E LEITURAS: UM INTELLECTUAL.....	21
1.3. NAS ESTANTES DE UMA BIBLIOTECA: O QUE OS LIVROS CONTAM.....	24
1.4. CAMINHOS DE UM LEITOR: POSSIBILIDADES DE LEITURAS PARA A HISTÓRIA.....	31
2 - UM PEDIDO SILENCIOSO DE LEITURA: A DEDICATÓRIA.....	39
2.1 UMA ESCRITA NÃO TÃO VULGAR A HISTORAR.....	39
2.2 AS DEDICATÓRIAS TAMBÉM MUDAM DE BIBLIOTECA	41
2.3 COM UM ABRAÇO, KONDER.....	43
2.4 AO QUERIDO AMIGO KONDER: DAS ESTANTES ÀS TABELAS	44
2.5 O AUTOR: O DEDICATÁRIO/EMISSION DE SUA PRÓPRIA OBRA.....	50
2.5.1 Ignácio Rangel (1914-1994), <i>Ao prezado amigo e Ao amigo</i>	51
2.5.2 Nereu Corrêa (1914-1992): <i>ao Vitor e a profª Rosa</i>	53
2.5.3 Guerreiro Ramos (1915-1982): <i>ao Vitor cordialmente...</i>	53
2.5.4 Fernando Segismundo: <i>Ao Victor e à Rosa, afetuosamente...</i>	54
2.5.5 L. A. Costa Pinto (1920-2002): <i>Com um abraço...</i>	56
2.5.6 Fábio Konder Comparato: <i>Aos queridos tios...</i>	57
2.5.7 Salim Miguel: <i>Com um abraço</i>	57
2.5.8 Aylton Quintiliano: <i>Ao querido amigo...</i>	58
2.6 PLENOS DE VESTÍGIOS	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO - Um convite para conhecer uma biblioteca pessoal

Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia.
(CHARTIER, 1994, p. 07)

A epígrafe acima induz a pensar em qualificativos para o ato de ler e, muito especialmente, anuncia pensar que ler é desviar-se de ideias impostas, é trilhar caminhos conhecidos apenas pelo leitor que se aventura no tempo e no espaço, é ter liberdade para produzir sentidos múltiplos sobre o que está a ser lido e, dessa forma, as leituras de um mesmo texto não se findam. Isso se torna ainda mais grandioso quando pensado em uma biblioteca, onde livros e mais livros repousam em estantes à espera de um leitor, talvez, o seu melhor companheiro.

Estudar livros, impressos, bibliotecas pessoais ou públicas no Brasil, ao que as evidências apontam, adquirem maior espaço e visibilidade no campo da historiografia a partir dos finais da década de 1980. Por meio da circulação de estudos sobre impressos, livros e leituras realizados, em âmbito internacional, por renomados autores/historiadores (GINZBURG, 1987, DARNTON, 1990; CHARTIER, 1989) que, em diálogo com estudos sobre leituras e impressos produzidos na perspectiva da História Cultural, lançaram novos olhares para o passado. Parece importante registrar que, em 1987, o historiador italiano Carlo Ginzburg publica a importante obra “O queijo e os vermes” e, em entrevista publicada, discorre sobre esta tendência ao afirmar:

Eu tentei montar um contexto intelectual, livresco no qual aquilo que aparece como desimportante passa para o primeiro plano: os livros, a leitura... Existem fontes extraordinárias que estão ali e ninguém se interessa...

Também atuando na mesma chave, o historiador francês Roger Chartier (1989) ao se dedicar ao estudo das práticas e representações no âmbito da História Cultural promoveu análise de textos, impressos e leituras criando um espaço de trabalho entre textos e leituras no esforço de compreender estas práticas que constroem o mundo como representação. Seus estudos indicavam a leitura como conceito-chave, deram significância aos livros e ao universo letrado (CHARTIER, 1999) e contribuíram para entender as realidades estudadas em seus

múltiplos sentidos, como uma construção em que “aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não e apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade de sua produção e na intencionalidade de sua escrita” (CHARTIER, 1989, p.63).

O historiador estadunidense, Robert Darnton (1990), por sua vez, também se debruça nas questões voltadas ao livro, ao leitor e à palavra impressa. Em trabalhos como “Boemia Literária a Revolução” (1989) e o “Grande Massacre dos Gatos” (2011), no primeiro investigando o submundo francês antes da Revolução Francesa e no segundo os camponeses do século XVIII. Seu intuito, em ambas as obras, de certo modo, era compreender como as ideias comunicadas por vias impressas e o contato com essa palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento desses indivíduos. No que tange a figura do historiador na pesquisa com os livros, Darnton (1990, p. 131) expõe: “os historiadores podem mostrar que os livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem”.

Em âmbito nacional, durante a década de 1990, muitos estudos também se fizeram presentes na área da História no campo dos impressos, dos livros e das bibliotecas. Entre eles, pode-se citar os trabalhos de Nelson Schapochnick sobre o Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro (1999) Tania Bessone (1998) sobre bibliotecas e livros no Rio de Janeiro, de Lilia Moritz Schwarcz (2002) sobre a biblioteca real transmigrada ao Brasil no início do século XIX; a obra de Marisa Midori Deaecto sobre instituições e práticas de leitura em São Paulo oitocentista e, ainda, sobre romances da Biblioteca das Moças, o trabalho de Maria Teresa Santos Cunha (1999). Todos eles são, igualmente, estudos que envolvem práticas de leitura e estudos de bibliotecas pessoais e públicas que colocam em relevo o objeto livro. Este recenseamento de autores e obras sobre o tema sinaliza para uma tendência de trabalhos que se consolida no tempo presente, ou seja, na primeira década do século XXI e que cria oportunidades para pesquisas em bibliotecas e/ou acervos pessoais de livros os quais terão ressonância em pesquisas atuais, como esta que oportuniza este trabalho de conclusão de curso e que pretende problematizar os livros e seus caminhos em um acervo pessoal como suportes de leitura e comunicação de um professor catarinense, na segunda metade do século XX.

Sabendo do grande potencial de uma biblioteca e por uma paixão pessoal por livros, a professora Dr.^a Maria Teresa Santos Cunha deu início a pesquisa na biblioteca pessoal de um professor e intelectual catarinense, Victor Márcio Konder. O encontro se deu por meio da doação de seu acervo pessoal realizada pela esposa, Prof^a Rosa Konder, em 2009, para a Biblioteca Universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina (BU/UDESC).

Com o Projeto de Pesquisa, *Perfil de uma biblioteca, traços de um leitor: Estudos sobre o acervo de Victor Márcio Konder (1920-2005)*, aprovado e já em andamento houve, no primeiro semestre de 2011, o convite da professora Dr.^a Maria Teresa para que eu integrasse a equipe da pesquisa, como bolsista de Iniciação Científica. No semestre seguinte, 2011/2, passei a integrar efetivamente a pesquisa no acervo de Victor Márcio Konder. Assim, a partir deste envolvimento foi originado o projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso, aqui posto em prática.

Além de integrar a pesquisa, outra motivação pessoal para a produção deste trabalho foi o meu forte encantamento com os livros e com o vínculo criado, com o tempo de pesquisa, com o acervo e seu dono. Assim, este estudo contribuiu para conhecer aspectos da história de Santa Catarina, bem como aspectos da história da educação, já que Konder integrou o corpo docente da Universidade do Estado de Santa Catarina na década de 1980 e sua biblioteca evidencia traços dessa trajetória docente.

O objeto do presente estudo constituiu-se dos livros que hoje compõem o acervo de Victor Márcio Konder, alojado na Biblioteca da UDESC (figura 1), desde sua doação e já higienizado e inventariado tanto pela equipe da pesquisa como pela equipe técnica da Biblioteca da UDESC. Contudo, ressalta-se a intervenção dos profissionais da área da biblioteconomia da BU que, dentro de seus critérios, separaram os mais de mil livros que pertenciam a Konder, disponibilizando para consulta geral os títulos que a própria biblioteca não tinha em seu acervo.¹ Deste modo, o acervo que foi pesquisado constitui-se de 428 livros, considerados Obras Raras pela Biblioteca Universitária. Os critérios adotados foram de responsabilidade dos profissionais da área de biblioteconomia da BU/UDESC. Questões como valor histórico-cultural e a noção de antiguidade auxiliam a entender a noção de obras raras. Entretanto, outros valores atribuídos pelos bibliotecários podem ser somados, pois não há critérios homogêneos para todas as bibliotecas, cada instituição elabora seus próprios procedimentos (CARTERI, 2005). Logo, os critérios levados em conta pela BU/UDESC correspondem as necessidades da instituição (espaço físico, obras danificadas, antiguidade, etc.).

O restante dos livros encontra-se disponível para consulta e empréstimo do público em geral e integram, hoje, o acervo geral da Biblioteca.

¹ A Biblioteca tem esta listagem, mas os livros estão disponíveis para consulta geral e não integram o acervo pessoal, embora tenham um carimbo como sendo do Acervo Konder. O site de busca da BU/UDESC, possui em um link “coleção” tendo a opção “Coleção Victor M. Konder” para a busca de obras somente do acervo pessoal deste. Disponível em: <http://www.pergamumweb.udesc.br/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1>.

Figura 1 - Acervo do colecionador Victor Márcio Konder, já higienizado e salvaguardado em suportes de papel.



Fonte: Acervo Obras Raras BU/UDESC

O proprietário da biblioteca pesquisada era o Professor Victor Márcio Konder que integrou uma família teuto brasileira trazida ao Brasil por Marcos Konder Sênior por volta do início da segunda metade do século XIX. Este, nascido na Alemanha em uma família de agricultores e tecelões, destacou-se como professor desde cedo, chamando a atenção de Nicolau Malburg, grande comerciante de Itajaí/Brasil. Conhecendo-o em uma viagem à terra alemã, trouxe o primeiro Konder a habitar no Brasil com o intuito de que fosse professor de seus filhos em solo nacional. Assim, chega o primeiro Konder, com 19 anos, à Itajaí, ganhando a confiança do patrão e logo nomeado seu procurador. Em 1879 casa-se com Adelaide Flores, a filha de um dos dirigentes do Partido Conservador da cidade. Após tentativas malfadadas de iniciação comercial, abre um escritório de comissões e despachos, que enfim prospera e, posteriormente, inaugura os armazéns Konder. O casal teve nove filhos: Evelina, Arno, Marcos, Adolpho, Victor, Adelaide, Elisabeth, Marieta e Maria. Do terceiro filho, nascido em 1882, tem onze netos, sendo o mais jovem Victor Márcio Konder.

Victor Márcio Konder nasceu em Itajaí em 1920, e seu pai, Marcos Konder, foi líder do Partido Republicano Catarinense, já sua mãe Maria Corina Regis Konder, descende de uma famosa família de políticos em Santa Catarina, os Lebon Regis. Quando, em 1930, Getúlio Vargas sobe ao poder apoiado principalmente pela elite gaúcha, a família se muda para o Rio de Janeiro, temendo represálias políticas. Lá o jovem estudante inicia a vida partidária, alistando-se no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sua atuação se inicia através

da distribuição de panfletos, no que já se destaca devido ao seu grande senso de organização e praticidade (KONDER, 2002).

Durante cerca de vinte anos, Victor Márcio Konder atuou nas fileiras de um dos mais marcantes partidos de esquerda do Brasil, o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Seu desligamento oficial em relação ao PCB se dá em 1956, por razões que intitulou como ideológicas, segundo Victor Márcio Konder, uma vez tendo ele conhecido mais a fundo a realidade brasileira, torna-se necessária a pregação de uma tolerância mais profunda. Este seria o ponto culminante de discordância entre o intelectual e o partido; a dissidência ideológica alicerça seu desligamento do Partido Comunista Brasileiro (KONDER, *Op. Cit.*). Entretanto, seu desligamento não significou o afastamento das questões comunistas, a tal conclusão chegou-se ao analisar o perfil de sua biblioteca que se apresenta com muitas obras de estudos marxistas.

Em 1972 conclui o curso superior no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Já na década seguinte, na condição de docente, passa lecionar na Universidade do Estado de Santa Catarina disciplinas como “Introdução a Economia da Educação”, “Cultura Brasileira” e “Antropologia cultural” para os cursos de Estudos Sociais (posteriormente extinto em nome da criação dos cursos de História e Geografia), Pedagogia e História, após a extinção do curso de Estudos Sociais.

Em meio a tudo que viveu, Konder adquiriu muitos livros. Ao pesquisar o acervo deste professor e intelectual, optou-se por utilizar o recorte temporal relacionado ao seu percurso de vida, que compreende os anos de 1920 a 2005.

Figura 2 - Fotografia de Victor Márcio Konder e a esposa, Rosa Konder.



Fonte: KONDER, Rosa Weingold; RIBEIRO, Túlia de Freitas (orgs.). Victor Márcio Konder: um homem de múltiplas facetas. Florianópolis: Brasília: IEA; ITN, 2006.

Esta pesquisa, portanto, fixou-se nos livros de Victor Márcio Konder disponíveis na Biblioteca/Obras Raras, muitos possuidores de marcas do leitor. Apesar de não estar inserido no círculo de grandes homens, estudar Victor Márcio Konder por seus livros com seus escritos às margens possibilitou analisar questões relevantes tanto para a História de Santa Catarina como para História da Educação. Estes estudos dialogam com os pressupostos da História Cultural, que segundo defende Chartier (1999), tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler.

Examinar o interior dos livros não apenas significa ler as palavras impressas, registrar suas anotações, reconhecer suas manchas amareladas, sua cor, identificar as marcas deixadas pelo leitor, mas apreender estes indícios para pensar por meio deles a figura não apenas do sujeito Victor Márcio Konder, mas também do jovem comunista, do jornalista e do professor que lia, e este último que ensinava com base em suas leituras e suas interpretações, enfim, para além do sujeito, rastrear o perfil de um intelectual.

Como formas de problematizar este acervo, questões foram levantadas para guiar a pesquisa, tais como: O que possivelmente o professor Konder leu? Quais obras possuem marcas de leitura que possam insinuar sua passagem como leitor? Que redes de sociabilidades se podem traçar a partir de registros em seus livros, tais como dedicatórias, marginálias,

anotações variadas? O que se poderia caracterizar como leituras de estudo e leituras de lazer? No intuito de propor respostas possíveis a estes questionamentos, o trabalho utiliza-se de alguns conceitos para identificar e interpretar as características desse leitor – Prof. Victor Márcio Konder. Por exemplo, seus hábitos de leituras transversalizadas por suas redes de sociabilidades, entendidas como uma organização “em torno de uma sensibilidade (...) cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Outro aporte teórico-metodológico para analisar estas obras vem da história da leitura, que dá chances de fazer a análise da biblioteca em si – livros pessoais, livros para ensino, livros de política, enfim, qual a cor e o tom dessa biblioteca particular que se publiciza pela doação, além de analisar o que a posse destes livros pode sinalizar para uma representação de intelectual, por exemplo, para Konder. A fim de observar Victor Márcio Konder como um leitor, figura que remete a certa erudição, utilizou-se o conceito de intelectual proposto por Durval Muniz de Albuquerque Junior, que situa a figura do intelectual como do século XX, aquele que tem por objetivo estudar de maneira profunda determinado assunto para socializar, ou melhor, trazer suas conclusões com vistas a auxiliar a sociedade, ou seja, o intelectual seria aquele capaz de introduzir socialmente uma mentalidade científica. A ele compete tentar racionalizar realidade simbólica do meio em que está imerso (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2005).

Seus estudos não se restringem a espaços acadêmicos, mas voltam-se aos problemas do tempo em que está imerso, buscando compreendê-lo e atuar no auxílio de possíveis soluções. No que tange esse debate é importante destacar que Sirinelli (2003) argumenta que a história dos intelectuais tornou-se um campo histórico autônomo e aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural. Assim pretendeu-se pensar Konder por meio de seu acervo.

Os escritos às margens dos livros feitos por Victor Márcio Konder, as marcas registradas nos espaços em branco fornecem indícios para pensar suas apropriações de leitura, pois elas permitem pensar sobre suas possíveis interpretações e suas apropriações de ideias. Portanto, na análise dos livros, levaram-se em conta essas apreensões do escrito que variam de pessoa a pessoa e, para tal análise, o conceito de *apropriação* foi movimentado e é entendido por meio do sentido empregado por Chartier (1991, p. 180), que afirma visar “uma história social dos usos e das interpretações, referidas às suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem.”.

Como forma de dar organicidade a este estudo, ele está estruturado em dois capítulos que, juntos, colocam em cena as relações delicadas entre o acervo (biblioteca pessoal) e seu possuidor, o professor Victor Márcio Konder.

O primeiro Capítulo, intitulado “*Bisbliotecar* construindo um passado pelas páginas dos livros”, busca realizar um mapeamento das leituras e dos livros de Konder, a partir de seu acervo já inventariado, com o intuito de observar o que era lido, esboçar um perfil de sua biblioteca que, ao mesmo tempo, sinaliza um perfil deste leitor pelos caminhos marcados de suas leituras, assinala passagens, faz trocas, estabelece contatos, reforça redes de sociabilidades, enfim, se constrói como leitor e intelectual. Para melhor perceber a presença deste leitor, optou-se, primeiramente, por produzir tabelas, tendo em vista o acentuado número de obras. Com as tabelas apresentando dados (quantitativos e qualitativos) foi possível delinear algumas características das obras e do assunto que estava sendo tratado, como, por exemplo: o perfil do leitor, a quantidade de obras com a presença leitora, as dedicatórias, objetos-relíquias, etc.. Neste sentido, a tabela não vem a concluir o trabalho em seu todo, mas contribuir para alcançar possíveis conclusões.

O Segundo Capítulo, “Um pedido silencioso de leitura: a dedicatória”, foi possível graças a todo o mapeamento realizado e desenvolvido no capítulo anterior. Aqui se tratou especificamente das dedicatórias encontradas nos livros do acervo de Konder e que tinham relação com o mesmo (este como o dedicatário/emissor ou como receptor). Criaram-se tabelas a fim de observar algumas características das dedicatórias para Konder, em diálogo com a Cultura Escrita, referida por Antonio Viñao Frago (2001, p. 32):

Parece existir um acordo básico em que o objectivo essencial da história da cultura escrita – ou de uma história social da escrita – seria o da análise das funções, usos e práticas relacionadas com o escrito, quer dizer, dos actos de leitura e de escrita.

Por meio dessa perspectiva, procurou-se observar as redes de sociabilidade de Konder, os livros possuidores de registros escritos, as passagens do leitor e a dedicatória como “imposição” de leitura para o presenteado. Não apenas busca-se olhar Konder por estas dedicatórias, mas também conhecer a trajetória daqueles que dedicaram suas próprias obras a este intelectual, desta forma, procurou-se algumas informações sobre os dedicatários. É importante salientar não foram encontrados dados sobre todos os dedicatários, por esta razão alguns não possuem datas de nascimento e falecimento Envolto nesses registros escritos, pensaram-se as dedicatórias, também, como protocolos de leitura que podem anunciar maneiras de ler (CHARTIER, 1989).

Portanto, pretendeu-se, através das dedicatórias, acompanhar a figura de Victor Márcio Konder, que livros recebeu, quem os dedicou, quais as possíveis intenções com o ato de dedicar, e também as redes de sociabilidade que a personagem construiu ao longo de sua vida. Deste modo, as dedicatórias são aqui postas como evidências para a construção de uma história.

A realização de um trabalho dessa natureza oferece exemplos para ilustrar possibilidades de se entender melhor os homens e seus livros em conexão com seu tempo. Também pode fornecer subsídios de como o estudo de uma biblioteca pessoal é importante para se entender a História dos leitores e dos livros, que tanto nos encantam e que nos instigam a estudá-los, do mais recente até o mais frágil e amarelado pelo tempo de existência. Não se pode esquecer que o livro é, sobretudo, “um artefato da mente e das mãos humanas” (BROOKS, 2008, p. 28).

Convido para entrar no mundo onde moram as palavras, os livros, estes que repousam nas estantes: bem vindo(a) a biblioteca pessoal de Victor Márcio Konder...

1 - BISBLIOTECAR: CONSTRUINDO UM PASSADO PELAS PÁGINAS DOS LIVROS

E, dispostos sobre as prateleiras, por toda parte – os livros. São inúmeros, e todos antigos. Há alguns raros, talvez, mas na maioria são apenas velhos, o que, de toda forma, lhes confere uma aura de importância. Gosto dos livros usados. Têm alma. Deles se depreendem os eflúvios das pessoas que os tocaram, com suas dores, alegrias, esperanças e inquietações. Gosto especialmente quando me deparo com nomes, datas, dedicatórias, quase sempre escritas com caneta-tintero, naquela caligrafia delicada e floreada de outros tempos. Observo também livros encadernados, com suas lombadas de couro, vermelhas, pretas ou cor caramelo, muitas marcadas por títulos de ouro velho, tendo rotolês de couro como acabamento. (SEIXAS, 2009, p. 29-30)

Nada mais elucidativo quanto a este capítulo. Bem-vindo(a) ao mundo em que as páginas dos livros falam sobre seus leitores...

1.1. BISBLIOTECAR E O ACERVO PESSOAL:

Nas muitas leituras realizadas para a construção deste trabalho de conclusão de curso encontrei a invenção deste verbo e ousei pegar emprestado de seu criador, Hugo Segawa, cujo ensaio foi publicado no “Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro” (2011, Ed. n. 1). Em suas explicações sobre a criação deste verbo o autor expõe a etimologia de “bisbliotecar” como sendo a fusão do verbo “bisbilhotar” e do substantivo “biblioteca”. Com as devidas explicações sobre o verbo inventado, o autor aponta o que fazem aqueles que buscam em bibliotecas alheias vestígios e ausências, neste caso me incluo e vejo em meu ofício uma “bisbliotecagem” na biblioteca pessoal de Victor Márcio Konder.

Para esquadrihar a biblioteca de Konder – e isso vale para qualquer outra intervenção em bibliotecas pessoais – é fundamental realizar aproximações sucessivas ao seu dono e procurar traçar seu percurso pessoal e de leitor ao longo da vida. A partir disso, as prateleiras repletas de livros poderão produzir sentidos em uma interpretação feita por intermédio do historiador, ao evidenciar indícios das ações que envolvem leitura e escrita de seu proprietário. Este movimento faz parte do ofício do historiador, pois “é ele [o historiador] quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica.” (MENEZES, 1998, p.95).

Folhear um livro e lê-lo não é algo tão simples como aparenta. A maneira como é lido o texto, seu suporte, a relação do leitor com o mundo escrito, seu contexto e a cultura são

pontos fundantes na pesquisa dos livros e do leitor e, nesse sentido, para analisar uma biblioteca pessoal faz-se necessário, também, iluminar o cenário e trazer aspectos da história do livro e da leitura, dialogando com estudiosos como Roger Chartier, Robert Darnton e Carlo Ginzburg, entre tantos outros.

Analisar o acervo de livros não apenas significa ler o livro, registrar suas anotações, reconhecer suas manchas amareladas, sua cor, identificar as marcas de leitura, mas aproveitar estes indícios para pensar por meio deles a figura não apenas do sujeito Victor Márcio Konder, mas também do professor que lia, ensinava com base em suas leituras e suas interpretações, enfim, para além do sujeito, rastrear o perfil de um profissional do ensino.

O movimento para construção deste trabalho consistiu em uma *operação historiográfica* (CERTEAU, 1982, p. 81) a qual preconiza que:

Em história, tudo começa como o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo seu lugar o seu estatuto. (...) Longe de aceitar os “dados” ele os constitui. O material é criado por ações combinadas.

Assim, pelo estudo do perfil da biblioteca de Victor Márcio Konder é possível encontrar não só a história da leitura de um sujeito/professor/autor, mas uma parte da história dos livros que contribuíram para construir este figura leitora como intelectual.

Umberto Eco (2010) bem coloca, em uma entrevista, o surpreendente e sedutor mundo no interior de um livro,

Tenho livros que adquiriram certo valor para mim menos por causa de seu conteúdo ou da raridade da edição do que em função dos vestígios nele deixados por um desconhecido, sublinhando o texto às vezes com diferentes cores, escrevendo notas na margem... (ECO, 2010, p. 97)

Assim, adentra-se neste mundo de sedutores vestígios, não de um desconhecido, mas de Victor Márcio Konder.

1.2. BIBLIOTECA, LIVROS E LEITURAS: UM INTELECTUAL

Biblios, do grego, livros e *theca*, repositório, local em que se guarda algo. A palavra *guardar*, então, possui um significado fundamental para pensar espaços repletos de livros. *Guardar* não é ocultar ou silenciar algo; o ato de guardar tem, sim, finalidade de conservar, proteger, dar vida a algo que com a passagem do tempo deveria ser esquecido e até mesmo destruído (CUNHA; MIGNOT, 2006). Mas uma biblioteca não se limita apenas a guardar

livros, e sim a abrir mentes, dar asas ao pensamento por meio do contato com a palavra impressa.

Ao pensar nas especificidades de uma biblioteca pessoal Battles (2003, pág. 202-203) afirma,

A biblioteca pessoal carrega consigo um potencial que as coleções públicas e as bibliotecas acadêmicas tendem a obscurecer. Da mesma forma que a biblioteca oferece uma passagem para o universo das ideias possíveis, o livro, enquanto objeto de estimação, revela a seu possuidor as conexões que os livros vão traçando individualmente em diferentes tempos e lugares – conexões refletidas na história de seus antigos donos, de suas encadernações, de suas páginas ainda fechadas.

Sobre o atual papel das bibliotecas, Darnton (2010) afirmou em entrevista² que “não devemos pensar nas bibliotecas como meros depósitos de livros ou como museus em que exemplares raros são expostos em cúpulas de vidro. A biblioteca é um centro de organização do conhecimento”. Em escala menor, pode-se também considerar esta biblioteca pessoal e a posse desses livros como uma das maneiras que seu proprietário organizou sua aquisição de conhecimentos, suas leituras que, aqui estudadas, convidam a conhecer as múltiplas formas de formação pessoal.

Ainda que desmembrada, por intervenções familiares³ e de profissionais, a biblioteca pessoal de Victor Márcio Konder possui esse potencial apontado por Battles (2003), já que seus livros carregam em suas páginas a conexão com seu possuidor. Sua biblioteca, por mais diversa que seja, traz um perfil de seu dono, de sua vida. Muitos indícios de seu possuidor estão nesses objetos, hoje frágeis e amarelados em razão do tempo, este, outro fator a ser estudado. Tudo fica inscrito na matéria física do livro e, assim, a biblioteca vai se constituindo, não apenas pelos temas dos livros, mas por ter a presença leitora.

Ser possuidor de muitos livros, no entanto, remete a “status”. Segundo Chartier (1999), o livro indicava autoridade decorrente, até na esfera política, do saber que ele carregava. Com a representação do livro, o poder funda-se sobre uma referência ao saber. Assim, ele, o leitor/dono, se mostra “esclarecido”, mesmo que muitos de seus livros nem tenham sido abertos. Na mesma perspectiva, Darnton (1990, p.130) mostra alguns caminhos para considerar a presença e o sentido dos livros para as pessoas em diferentes sociedades, mesmo “na prestação de juramentos, na troca de presentes, na concessão de prêmios e na doação de heranças”.

² Revista Veja, 5 de maio, 2010, p.183.

³ O acervo de literatura, não fez parte da doação da família Konder à biblioteca da UDESC.

É sabido que, por muito tempo, a leitura e a aquisição de livros eram restritas a um grupo, igualmente como as maneiras de ler. Deste modo, foi se instituindo uma representação da leitura no Ocidente. Podem-se citar as pinturas como exemplos, pois foram retratando, diferentes modos de ler, diferentes maneiras de evidenciar a figura leitora, e, assim, foram se consolidando no imaginário uma visão de livro e leitura associada à erudição.

O ato de ler que hoje conhecemos é, em grande medida, graças a ideias e imagens construídas no final do século XVIII e ao longo do século XIX (ABREU, 2012). Foram muitas as pinturas que auxiliaram a instituir os modos de leitura a que hoje as pessoas estão acostumadas. O livro tornou-se um objeto marcante nas pinturas da época, especialmente retratos bem como outros símbolos que estavam associados à certa erudição, como o globo terrestre e a escrivaninha, tais objetos somados com a figura de senhores bem vestidos que, em geral, eram retratados em meio a uma leitura (*Op. cit.*, 2002). Abreu afirma,

Esta associação entre leitura e enobrecimento do sujeito foi construída historicamente, tendo recebido forte impulso com a ascensão da burguesia. Homens e mulheres bem instalados socialmente parecem ter ficado satisfeitos em associar-se a certos sinais exteriores de sucesso: boas casas, belos vestidos, ambientes confortáveis e livros. Passaram-se os séculos, alterou-se o meio, mudou a tecnologia, mas o imaginário em torno ao ato de ler permanece. (ABREU, 2002, p. 129)

Possuir uma biblioteca ainda está no imaginário das pessoas como algo restrito a figuras ligadas à inteligência, como posto por Abreu (2002) o “enobrecimento do sujeito”. Inserido no século XX, Konder, filho de uma família com recursos e leitora, formado em jornalismo e ciências sociais, e atuando nas profissões de jornalista e professor é possível caracterizado como um intelectual, identificado por Albuquerque Junior (2005) como um sujeito que por meio de seus estudos busca intervir na sociedade, buscar traçar mudanças políticas, sociais e/ou culturais. Com isso,

o intelectual seria aquele capaz de implantar socialmente uma mentalidade científica, à medida que lutasse pela superação de qualquer vínculo com uma interpretação religiosa, mítica ou simbólica da realidade social. Caberia a ele tentar racionalizar realidade simbólica de seu país, de sua região, de sua localidade, entendê-la a partir da generalização dos conceitos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 53).

Victor Márcio Konder, um intelectual neste viés, seria não apenas o sujeito produtor de conhecimentos, mas o difusor de seus estudos e de seus resultados. Não estaria isolado da sociedade, mergulhado em suas ideias no interior de um escritório ou biblioteca,

mas atuando em espaços públicos, como a sala de aula, propondo e defendendo seus projetos. O intelectual Konder seria um sujeito mediador dos saberes, um ator da vida pública, crítico de sua sociedade com o propósito de traçar possíveis soluções para o futuro.

No período em que integrou o partido comunista (1935-1956), traços de um homem intelectual já se evidenciavam. Sua atuação manteve-se fortemente vinculada a um marcante perfil intelectual. Autodenominava-se um “revolucionário letrado” (KONDER, 2002), ilustrando assim uma afinidade intelectual conjugada a uma forte posição questionadora e crítica. E foi esta posição questionadora e crítica que o fez repensar sua militância e os pensamentos em que o partido se sustentava. Em sua autobiografia, intitulada “Militância”, ao falar sobre seu desligamento do PCB, Konder deixa evidenciar sua insatisfação com o caminho que o partido estava a trilhar. Para ele, os ideais já não contemplavam os problemas do Brasil e estavam distantes da realidade do país (KONDER, 2002). Destaca-se aqui a presença dos horizontes de expectativa de Reinhart Koselleck (2006). Seu desligamento do PCB pode ser entrelaçado aos espaços de experiência, sua atuação no partido e as divergências, e seus horizontes de expectativas, as possíveis “soluções para o futuro” que se apresentam por meio de seus livros lidos.

Em meio a tudo isso, a figura de Konder cultivava alguns traços de erudição, colecionar livros, tê-los e mantê-los em grande quantidade é uma marca significativa. A figura do erudito remete ao século XIX e primeira metade do XX (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005) e está muito associada a um personagem imerso em uma biblioteca e isolado neste espaço silencioso. Há, deste modo, uma linha tênue entre o erudito e o intelectual, e sob esta linha tênue é possível afirmar que Victor Márcio Konder se encontra.

1.3. NAS ESTANTES DE UMA BIBLIOTECA: O QUE OS LIVROS CONTAM...

Ao longo de sua vida, Victor Márcio Konder foi adquirindo muitos livros, de diferentes temáticas, além de revistas acadêmicas e cadernos escolares⁴. Após falecer em 2005 seu acervo, composto mais de mil livros, permaneceu aos cuidados de seus familiares e foi doado, em 2009, para a Biblioteca Universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina. Mais de 400 livros, considerados obras raras⁵, foram higienizados e juntamente com

⁴ Os 45 cadernos pertencentes a Konder hoje encontram-se no Laboratório de Patrimônio Cultural higienizados, catalogados e digitalizados, trabalho realizado pela bolsista de Iniciação Científica Carolina Cechella Philippi sob a orientação da Prof^a dr.^a Maria Teresa Santos Cunha, sendo ambas autoras de *Cadernos, folhetos, rabiscos - refúgio pessoal de um revolucionário letrado*. 2012.

⁵ Os livros considerados Obras Raras foram selecionados pelos critérios dos responsáveis da Biblioteca Universitária (BU/UDESC).

as revistas ocupam uma sala individual da Biblioteca Universitária; a outra parte encontra-se disponível para consulta e empréstimo⁶. A respeito da divisão dos livros (o acervo bibliográfico completo) vale frisar o comentário de Arlette Farge (2009, p. 12), no qual afirma que os funcionários de uma biblioteca possuem outra maneira de domar um mar de documentos diferentemente do historiador, que atua de outra maneira, outro olhar é lançado para os documentos. Deste modo, o método utilizado pelos funcionários da biblioteca possui outra lógica para a organização do acervo, contudo, não impossibilitou o estudo para a área da História.

Antes mesmo da intervenção dos profissionais da área da biblioteconomia, houve a ação da família no acervo. Neste caso, quando familiares doam um acervo pessoal, a seleção do que deve ser doado está integrada com o desejo de construir uma imagem do dono do acervo. Entretanto, ninguém arquiva uma vida de qualquer maneira, sempre há seleção do que deve ser guardado e do que deve ser esquecido. Nem tudo é mantido. Manipula-se, o que é desejado guardar, dá-se destaque a algumas coisas, joga-se fora o que não é desejável lembrar e, assim, constrói-se uma imagem de si para si e para os outros (ARTIÈRES, 1988). Para tanto, doa-se aquilo que é considerado como algo do mais alto grau, no caso de Victor Márcio Konder obras ligadas ao meio intelectual, especialmente pela sua atuação como militante comunista, evidenciando assim a erudição e as redes de sociabilidades nas quais tal indivíduo se enquadrava. Devem-se levar em consideração todos os fatores elencados, para, deste modo, adentrar o acervo, ou melhor, “bisbliotecar”.

Percorrer uma biblioteca e realizar o levantamento das obras que a compõem é uma tarefa que exige cautela, em razão da quantidade elevada de exemplares, para tanto se optou por utilizar uma abordagem quantitativa, visto que, deste modo, a pesquisa permite trilhar alguns caminhos os quais não seriam possíveis caso não fosse utilizada tal abordagem. Todavia, convém ressaltar que estatística é uma atividade bastante delicada e que exige muita atenção do pesquisador, Chartier (1994, p. 15) diz que a utilização dessa abordagem “fez acumular um saber sem o qual outras interrogações seriam impensáveis” para seus estudos. Partindo dessa premissa, utilizou-se análise quantitativa tomando os devidos cuidados, uma vez que cada livro possui sua especificidade, por esta razão, o levantamento não se limitou a classificar os livros dentro de suas temáticas, mas também, adentrar nas páginas desses objetos e buscar outros aspectos que a abordagem quantitativa não permite alcançar.

⁶ Para saber mais sobre os livros de Konder que estão disponíveis para empréstimo acessar: <http://www.pergamumweb.udesc.br/biblioteca>.

O acervo de Konder, salvaguardado na sala de obras raras, conta hoje com o total de 414 livros nas estantes. Sobre os livros a tabela 1⁷ abaixo ilustra o perfil do acervo bibliográfico:

Tabela 1- Perfil do acervo bibliográfico de Victor Márcio Konder:

Categoria	Exemplares
Biografias	42
Ciências	02
Dicionários	08
Economia	31
Educação	04
Estudos Marxistas	26
Filosofia	07
Geografia	06
História	83
Literatura	23
Livros Didáticos	06
Livros em outro idioma (francês) ⁸	24
Livros em outro idioma (espanhol)	32
Livros em outro idioma (inglês)	02
Livros em outro idioma (alemão)	04
Oratória	01
Política	26
Sociologia	43
Turismo/Viagem	09
Outros ⁹	35

Fonte: Acervo de Victor Márcio Konder/Biblioteca Universitária/UDESC

O acervo bibliográfico é composto por temas múltiplos, passando por clássicos da historiografia brasileira (alguns até mesmo repetidos), geografia, sociologia, filosofia, biografias nacionais e estrangeiras, poesia, economia, entre outros. O acervo indica um dos possíveis perfis daquele que, em vida, guardou um pouco de si nos livros. Segundo Miguel Sanches Neto (2004), uma biblioteca pessoal, com um acervo diverso (antigos e novos livros) tenta compor os contornos mutáveis da identidade de seu dono. Nesse sentido, pode-se pensar a biblioteca de Konder aqui analisada, junto com o seu acervo diverso, a partir também das muitas intervenções encontradas nas páginas dos livros.

Sobre estes muitos livros e suas temáticas coloca-se em questão a leitura realizada por seu dono, ou melhor, a possível leitura dos mais de 400 livros. Para István Monok (2012) o uso dos livros pelos intelectuais não significa, necessariamente, que seus donos os lessem

⁷ Levantamento dos exemplares realizado pela bolsista de IC Carolina Cechella Philippi no primeiro semestre da pesquisa. As capas dos livros expostas ao longo do presente trabalho também foram digitalizados pela mesma bolsista e fazem parte do acervo da Pesquisa, depositado no LABPAC.

⁸ Nas categorias que se referem ao idioma do livro, agrupam-se exemplares que tratam de assuntos também elencados, como política, história e sociologia.

⁹ Nesta categoria foram agrupados não apenas livros que não se encaixem nas elencadas classificações, mas também aqueles dos quais não foi possível saber do que se tratavam.

por completo. Muitos homens e mulheres adquirem livros e os manuseiam poucas vezes. Prova desse não uso são as páginas não cortadas e que “trancam” umas as outras, necessitando de um corte nas extremidades, “nenhuma espátula jamais separou suas páginas imaculadas” (BATTLES, 2003, p. 19). Assim, encontraram-se alguns exemplares de Konder, todavia, permaneceram nas estantes por anos e mesmo na ausência dos rastros do leitor, os livros “contam” um pouco sobre a biblioteca e seu dono.

A partir do levantamento inicial dos livros e para fundamentar sua análise houve o interesse em buscar algum espaço na universidade para encontrar possíveis informações profissionais de Victor Márcio Konder. Após conversas com funcionários do Centro de Ciências Humanas e da Educação foi apontado o Arquivo da Faculdade de Educação/FAED (antigo no nome do centro que hoje se nomeia Centro de Ciências Humanas e da Educação/FAED). No arquivo, pequeno e com cheiro forte característico de papéis antigos, encontrou-se o que se denominou de ficha funcional de Victor Márcio Konder¹⁰.

Após essa “descoberta” houve a aproximação com esse espaço em busca dos diários de classe do professor Victor, com o intuito de observar as disciplinas lecionadas e buscar, deste modo, a relação com seus livros, ou seja, se suas leituras reverberavam em sala de aula.

Ao analisar a ficha funcional do Professor Konder, presente no arquivo da FAED, foi possível traçar algumas proximidades com sua biblioteca pessoal. Convém sublinhar que as disciplinas lecionadas por Konder na UDESC foram Antropologia Cultural, Introdução à Economia da Educação e Cultura Brasileira, tais disciplinas, ao analisar a tabela 1, ajudam a pensar sobre o leitor/professor dono da biblioteca. Nota-se que muitos dos livros tangenciam e se relacionam com os conteúdos inerentes às disciplinas lecionadas na Universidade. O alto número de livros de economia, história e sociologia evidenciam que sua biblioteca era um espaço que comportava obras ligadas à sua profissão, além, é claro, da quantidade de marcas da passagem do leitor por meio de anotações, marginais e objetos esquecidos ou colocados no interior dos livros.

De caneta preta, azul, vermelha e até mesmo verde, com rabiscos, assinatura, rasuras e anotações com uma grafia que demonstrava pressa, assim são seus diários de classe. No verso desta encontra-se o espaço para que o professor realize os apontamentos de suas aulas, e é ali que Konder registra os conteúdos da disciplina. Suas anotações permitem conhecer sua

¹⁰ O contato que o Arquivo deu-se graças ao auxílio de Geraldo Luiz de Carvalho, responsável pela organização e manutenção do arquivo juntamente com as bolsistas de Biblioteconomia (UDESC), Fernanda Fraga e Luciane Correa Skalski.

preferência sobre determinados assuntos, sua maneira de organizar as aulas, de pensar sobre os temas e até a seleção de materiais com os quais que lidava, como demonstra a Figura 3:

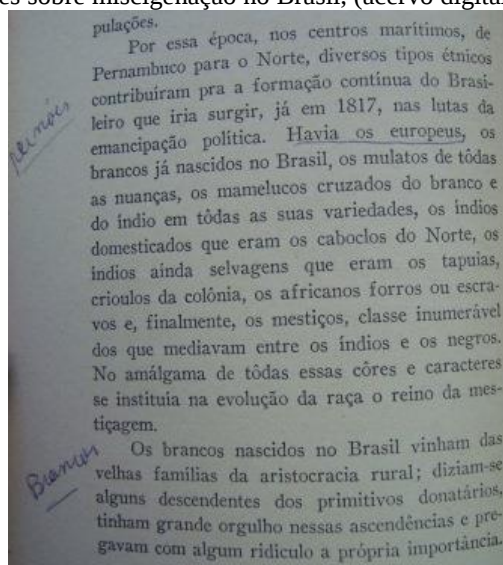
Figura 3 – Diários de Classe: disciplina Cultura Brasileira, 2º semestre 1985

DATA	MES	MATÉRIA LECIONADA
1 ^a 8	8	Introdução. Conceitos fundamentais de antropologia cultural
2 ^a 8	8	Conceito de cultura brasileira. Fatores de formação da cultura
3 ^a 8	8	Fatores geográficos e meio físico. Tipos de povoamento. Cultura econômica-social
4 ^a 8	8	A herança ibérica e sua persistência
5 ^a 9	9	A herança indígena. A contribuição indígena
6 ^a 9	9	O aporte negro-africano. O sincretismo afro-brasileiro
7 ^a 9	9	A mestiçagem. A contribuição das civilizações europeias
8 ^a 9	9	Os grandes movimentos culturais; o barroco
9 ^a 9/10	10	O barroco
10 ^a 10	10	O romantismo no Brasil
11 ^a 10	10	Parnasianismo, modernismo, Realismo
12 ^a 10	10	Modernismo e pós-modernismo
13 ^a 10	10	Literatura e arte contemporâneas
14 ^a 11	11	A transmissão da cultura: o cinema
15 ^a 11	11	A cultura em Santa Catarina
16 ^a 11	11	A cultura em Santa Catarina

Fonte: Diário de classe no Arquivo/FAED/UDESC.

Após um levantamento bem apurado dos livros de sua biblioteca pessoal, os indícios permitem dizer que muitas das anotações no diário de classe “casam” com as temáticas dos livros, ou seja, há presenças nítidas de anotações com os títulos dos muitos livros, bem como de marginálias. Ao folhear o livro “Retrato do Brasil”, de Paulo Prado (figura 4), há anotações realizadas por Konder cujo assunto é miscigenação no Brasil, um tema que, com base no diário de classe (figura 3) estava presente em suas aulas.

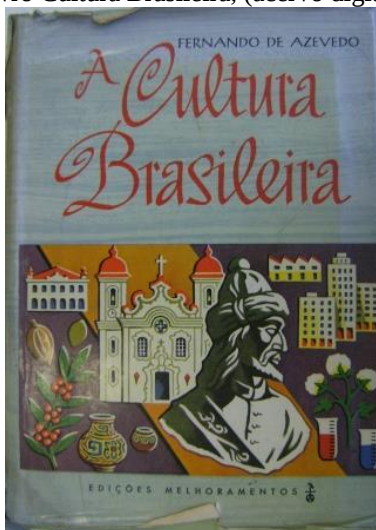
Figura 4 - Anotações sobre miscigenação no Brasil, (acervo digital LabPac).



Fonte: PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. Editora Brasiliense 5ª edição, 1944, p. 114.

A mesma ligação é possível fazer com um livro intitulado clássico “A Cultura Brasileira” de Fernando de Azevedo (figura 5) nome similar à disciplina que lecionava. Essas análises são evidências que permitem perceber o investimento de Konder em livros da sua área profissional.

Figura 5 - Capa do livro Cultura Brasileira, (acervo digital LabPac).



Fonte: AZEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira*. Ed. Melhoramentos, 1958.

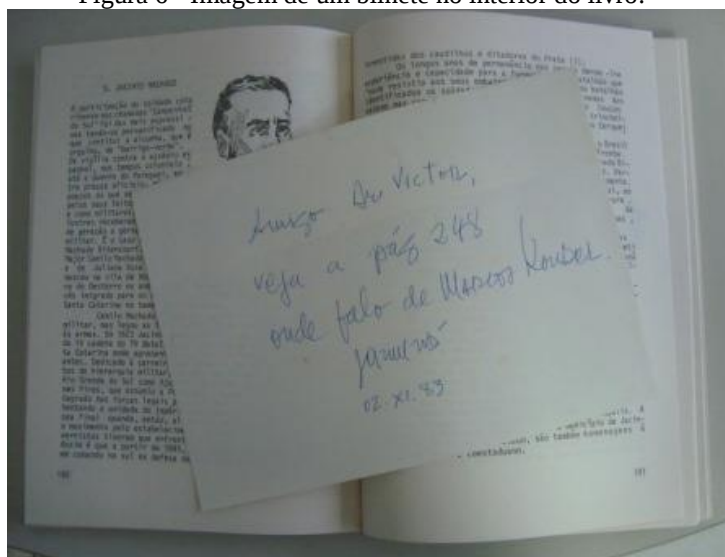
Dentre as diversas temáticas que compunham sua biblioteca pessoal, salta aos olhos as de cunho marxistas, bem como de obras ligadas ao socialismo ou correlacionadas, como a história russa/soviética e assuntos próximos a estes, mas em línguas estrangeiras, tais como francês, inglês, espanhol e até mesmo alemão (PEREIRA, 2012). Como já salientado, Konder

filiou-se ao antigo PCB quando jovem e mesmo com o dissídio em 1956, não se privou de leituras acerca do tema.

Porém, as marcas de leituras, comentários e marginalias não se mostram apenas nos livros voltados a estas temáticas, muitos são os livros, de distintos assuntos, nos quais Konder marcou caminhos utilizando lápis ou caneta. Mesmo com a predominância de obras ligadas às profissões (professor e jornalista), as estantes guardam outros livros os quais se afastam dos títulos ligados ao exercício profissional e este fato não guarda nenhuma surpresa haja vista as bibliotecas serem formadas, também, por doações, empréstimos, etc..

As margens desses livros tornaram-se espaços de comentários e evidenciam uma identificação com o texto. Aparentemente banais tais escritas mostram posicionamentos políticos, redes de sociabilidades e espaços de legitimação (CUNHA; MIGNOT, 2006), como mostra a figura 6:

Figura 6 - Imagem de um bilhete no interior do livro:



Fonte *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina* v. 4 1982/1983, presente no acervo de Konder com um bilhete:

Ao amigo Sr Victor, veja a página 248 onde falo de Marcos Konder. (Jamunda). 02/09/1983. (acervo digital LabPac).

Mesmo dentro de correntes intelectuais em que Konder mostra-se inserido, há brechas para as relações íntimas do cotidiano. Quando o emissor do bilhete (Theobaldo Costa Jamundá¹¹) fala sobre Marcos Konder, pai de Victor Konder, não está esperando discutir questões intelectuais, mas mostrar e, de certa forma, “solicitar” aprovação de Konder sobre o artigo que cita seu pai. Ou seja, tais questões permeiam não apenas o âmbito intelectual, mas

¹¹ Membro do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), nasceu em 1914 e faleceu em 2004).

atinge o pessoal, as relações de sociabilidade acabam por se fazerem presentes. Esse de papel, neste caso um bilhete no interior do livro, desperta as relações entre memória e escrita, escrita e rede de sociabilidade, escrita e poder, escrita e cotidiano e escrita e arquivamento (MIGNOT, 2003).

A construção da tabela 1, que traz as áreas de conhecimento da biblioteca de Victor Márcio Konder, possibilita empreender interpretações sobre os caminhos do leitor e assim atentar para as maneiras de ler e as formas de como uma pessoa habita o mundo dos livros (CUNHA, 2009).

Identificados os livros que compõem o acervo de Konder, o ato de intrometer-se não se findou. Norteado pelo intento de uma aproximação com o passado, o pesquisador que, aos poucos, mergulha no arquivo pesquisado, neste caso o acervo bibliográfico de Konder, toma-o como um documento para a História. Segundo Lopes (2005), matéria prima do historiador, os documentos dão vestígios deste passado buscado. Embora sua reconstrução completa seja impossível, aproximações são traçadas, pois os atos de abrir e fechar um livro são sempre carregados de emoção, pois “há sempre uma promessa quando o livro se abre, no limite, a esperança de se encontrar, encerrada entre duas capas, toda a verdade do mundo.” (MELOT, 2012, p 12).

Nesse ímpeto, continua a se “bisbliotecar”...

1.4. CAMINHOS DE UM LEITOR: POSSIBILIDADES DE LEITURAS PARA A HISTÓRIA

Ao imergir na biblioteca de outrem, o encontro com leitores passados é quase que certo. Marcas concretas mostram-se por toda parte e em diferentes formas, em vários suportes materiais, sejam em cartas, em escritos pelas páginas, postais, santinhos, marca-textos, dedicatórias, bilhetes, anúncios, notas fiscais, e tantas outras. Todas elas registradas pelo leitor, “guardadas no corpo do texto e que reuniam um rico material para se refletir acerca de outras possibilidades de leituras.” (DELGADO, 1998, p. 18-19). Tudo isso auxilia a evocar um passado apenas conhecido por aquele que caminhou nas páginas e deixou seus rastros. O olhar do presente para este passado cabe ao historiador, que, a partir destes vestígios do passado, terá leituras para construir um presente, nunca por completo, mas significativo.

Para Istán Monok (2012) as melhores fontes para se estudar os hábitos de leitura são as marcas de propriedade, as notas marginais (marginálias) e as anotações. Ainda de acordo com o autor,

Em certas notas marginais (seja nas páginas brancas do livro, seja nas margens), acontece o leitor comentar ou discutir os conteúdos de seu livro. Quando um leitor que “salpica” seu livro de notas pessoais é uma pessoa culta [...], os historiadores do livro e os especialistas da história literária convergem para o estudo das reflexões do personagem em questão. (MONOK, 2012, p. 268)

Deste modo, a atuação profissional de Konder como professor e jornalista manifesta-se como fator significativo para ser pensado juntamente com a análise das marcas de leitura deixadas nos livros. Tudo isso considerando que cada leitor em suas leituras é singular (CHARTIER, 1999), dentro, é claro, do grupo a que pertence. Considerando esses apontamentos, foram mapeados os mais de 400 livros de Victor Márcio Konder, e destes encontrou-se 225 exemplares que continham indícios e marcas que atestam a presença do leitor.

Com luvas e máscara – materiais fundamentais no ofício do historiador envolto em documentos antigos – houve a incursão na biblioteca pessoal de Konder. Ler papéis amarelados e frágeis, folhear cada livro, dentre os mais de 400, e digitalizar alguns, foram tarefas que duraram um ano de pesquisa e que originou o levantamento de todos os livros que possuíam rastros do leitor. Todo o levantamento produzido encontra-se disponível em suportes digitais no Laboratório de Patrimônio Cultural (LABPAC/UDESC).

A tabela 2¹² apresenta o levantamento realizado para identificar quais tipos de marcas e a participação do leitor nos livros.

Tabela 2 - Tipos de marcas e participação do leitor

Tipo	Quantidade	Participação (%)
Dedicatórias ¹³	22	5,3
Anotações/marginalias	147	35,5
Objetos esquecidos	32	7,7
Assinatura / carimbo	112	27,0

Fonte: Elaboração da autora. Inspirada na tabela produzida para o catálogo Uma Biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60) e que é uma forma de, através da quantificação, escrever sobre o conteúdo.

A tabela 2 demonstra uma forte presença do leitor nos livros, seja por marcas de leitura (anotações, marginalias, rabiscos, sublinhados), por objetos esquecidos entre as páginas (selos, cartões, papéis, santinhos, postal), por dedicatórias e até mesmo pelo simples ato de assinar o livro como forma de demonstrar posse sobre o objeto. As figuras 7 e 8 fazem ver alguns objetos encontrados no interior de dois exemplares:

¹²Para alcançar os resultados numéricos desta tabela utilizou-se o atual contagem de obras que constituem o acervo Victor Márcio Konder, totalizadas em 414 obras.

¹³ Neste capítulo não será aprofundada a discussão das dedicatórias, haja vista que o capítulo seguinte será voltado para esta temática.

Figura 7 - Santinhos (Objetos Relíquias) no interior do livro, (acervo digital LabPac).



Fonte: HIRSCHOWICZ, Erwin. Contemporâneos Inter-Americanos. Enciclopédia inter-americana Ltda. 1949

Figura 8 - Selos (Objetos Relíquias) no interior do livro (acervo digital LabPac).

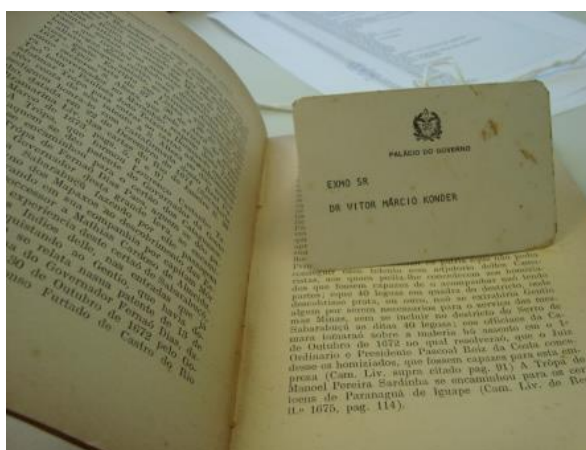


Fonte: HUGO, Victor. Os trabalhadores do mar. Pongetto, 1944.

Guardados no corpo do texto os três santinhos de orientação católica (figura 6), intrigam, visto que Konder foi por muito tempo comunista, e que, por isso, possivelmente sua relação com a religiosidade seria de afastamento. No entanto, outras possíveis interpretações podem ser feitas. Tais objetos podem estar associados a uma tradição familiar, ou até mesmo uma lembrança ou um presente de alguém. O contato com estes materiais mostra formas de compreender o universo mental dos homens e mulheres (DARNTON, 1990), ou seja, como o contato com a palavra impressa afeta o pensamento e o comportamento de uma pessoa.

Os materiais de cunho pessoal encontrados no interior dos livros, por muito tempo desconsiderados por estudiosos, hoje se tornaram de valor ímpar para compreender seus leitores. Tanto o livro quanto os objetos encontrados dentro dele são relíquias de um tempo, de uma época (BLOM, 2003). Por exemplo, hoje, em razão das mudanças nos meios de comunicação, nossa relação com os selos é diferente daquela em que, possivelmente, Konder inseriu esses objetos dentro do livro. É possível imaginar que, após receber e ler uma carta, ele decidiu retirar os selos e guardá-los em um espaço no qual sua preservação seria quase certa, como o interior de um livro. Carinho por quem enviou a carta, o gosto de colecionar selos, ou até mesmo para marcar a página que estava lendo, são outros possíveis motivos que o levaram a deixar esses objetos no interior do livro.

Figura 9 - Cartão (Objeto Relíquia) no interior do livro, (acervo digital LabPac).



LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Informação sobre as minas de São Paulo, A expulsão dos jesuítas do collegio de S. Paulo*. Comp. Melhoramentos de S. Paulo, s/d.

Ana Chrystina Venancio Mignot elucida sobre papeis guardados e o encontro com estes tanto para aqueles que guardaram, quanto para aqueles que buscam reconstruir o passado por meio deles,

Olhar papeis guardados por pessoas comuns, (...), constitui-se em convite para leituras diversas. Para aquele que guardou, o reavivar de lembranças, um retorno ao passado. Para os que ainda virão, fios que tecem a memória de uma família, de uma instituição, de uma sociedade, de uma época (MIGNOT, 2003, p. 05).

Extrair alguma significação desses objetos possibilita tecer aspectos relevantes e compreender outros. Segundo Antoine Prost (2008), a parte mais apaixonante do trabalho de historiador seria levar as coisas silenciosas a se tornarem expressivas.

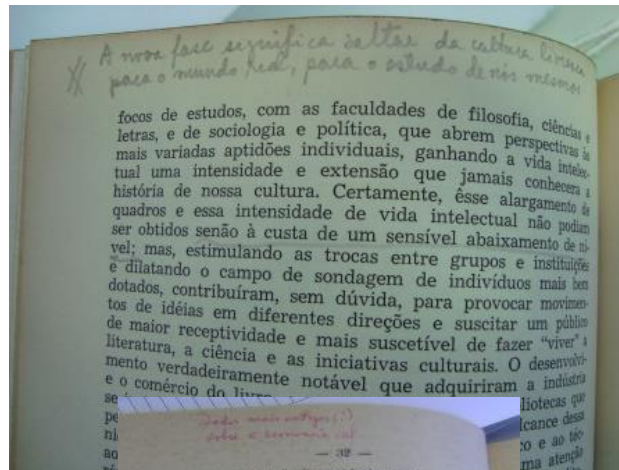
Ainda a observar a tabela 2, o “tipo” e a “quantidade”, é majoritária a presença acentuada de anotações e marginais, isso reforça a íntima relação que Victor Márcio Konder possuía com seus livros. Sua letra, seja ela mais rabiscada pela pressa ou bem desenhada, torna-se familiar para o pesquisador imerso nos livros sendo possível constatar sua passagem nas obras. A assinatura, forma de demonstrar posse sobre o objeto, assume um valor significativo no acervo como um todo.

Esses espaços pelos quais os leitores deixam suas marcas fornecem indícios para estudar as pessoas comuns, como Konder. Sobre essas escritas feitas à mão pelos leitores Roger Chartier (2002, p. 94-96) explana:

As *marginálias* constituem de fato uma forma de encontrar as citações e exemplos que o leitor retém como modelos estilísticos [...] permitem a “digestão” do texto [...] traduzem uma apropriação pela escrita do livro lido.

São esses espaços em branco que o leitor habita, por meio das marginais, e foram neles que as ideias, as dúvidas e as críticas de Victor Márcio Konder percorreram e deixaram ali um pouco de si, de sua vida pessoal e profissional. Ler implica em uma caminhada que o leitor pratica no ato da leitura atribuindo sentido a ela e muitas vezes registrando nos espaços deixados em branco do livro.

Figura 10 - Comentários do leitor nos espaços em branco do livro, (acervo digital LabPac).



Fonte: AZEVEDO, Fernando. A Melhoramentos, 1958, p. 76. *A nova fase significa saltar da real, para o estudo de nós mesmos.*

Figura 11 - Comentários e marcas (acervo digital LabPac).

Cultura Brasileira. Ed.

cultura livresca para o mundo

de leituras (riscos) no livro,

Fonte: TAUNAY, Affonso de E.. Santa Catarina nos annos primeros. Diário Official, 1931.
Dados mais antigos (?)
Sobre a economia cat.

As figuras 10 e 11 confirmam, novamente, o debate de Chartier, quanto os caminhos que o leitor realiza ao longo de sua leitura. Nos exemplos acima, além de deixar seus rastros, Konder também deixa suas incertezas sobre a palavra impressa. Utilizar o símbolo “?” é um indício de que o leitor apresentou dúvidas quanto ao conteúdo que estava lendo, logo pode-se inferir que ele realizou uma apropriação, pois “a leitura é uma prática criadora e há sempre a irreduzível liberdade” (CUNHA, 1999, p 53).

O olhar viciado e cansado na busca dessas marcas passou a se familiarizar com a letra marcada nas páginas amareladas e secas. Sua escrita variava de instrumento, por vezes de caneta (preta, vermelha, azul e verde) e outras de lápis (exemplo figuras 9 e 10). Essas anotações falam não apenas sobre o que o livro aborda, mas a maneira com que pensava sobre as temáticas lidas, como aponta Chartier (1994), as leituras em um livro são infinitas, mesmo o livro visando instaurar múltiplas ordens nunca obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores, “[essa liberdade] sabe como desviar e reformular as significações que a reduziram.” (1994, p. 08).

Jean Marie Goulemot (2001, p. 108) sobre a questão da leitura afirma,

Ler é dar um sentido de conjunto uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu (...). Ler é, por tanto, constituir e não reconstituir um sentido.

É sabido que ao produzir um livro o autor possui a intenção de impor uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura (CHARTIER, 2001), contudo, ao chegar aos olhos viajantes do leitor outros sentidos serão produzidos. Ao escrever no livro, Konder não está

colocando as ideias do autor, mas o seu entendimento acerca do texto impresso produzido pelo autor, suas opiniões, ideias e até mesmo discordâncias, logo, é a sua leitura que será constituída e não uma reconstituição do que o autor fez. Suas marcas nos espaços em branco e seus sublinhados evidenciam os sentidos atribuídos ao que leu.

Os comentários às margens das páginas dos seus muitos livros apresentam marcas de leitura que evidenciam uma opinião acerca daquilo que leu. Suas ideias sinalizam ressonâncias que dizem um pouco de si, do seu pensamento. O mesmo ocorre ao analisar como um todo parte do seu acervo, pois permite notar que Konder era um homem múltiplo, que lia conteúdos que estavam relacionados à História, à Geografia até mesmo à Matemática e esta diversidade temática pode sinalizar para interesses variados na sua construção como intelectual e professor. Nesse sentido, encontram-se obras tais como: *Geografia Humana* (1939) de Josué de Castro, *Elementos de Economia do Projeto* (1960) de Inácio Rangel, *Poetas Brasileiros* (1922) de Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, entre outros.

Para Chartier (1999), seja em um formato comum de livro ou mesmo em um rolo, é certo que o leitor tem a possibilidade de intervir. Sempre lhe é possível insinuar sua escrita nos espaços deixados em branco, exemplo disso são os mais de 200 livros do acervo de Victor Konder. Robert Darnton (1990) segue pelo mesmo caminho que Chartier quanto a essa questão. Tudo depende da maneira como é lido um texto, da relação do leitor com o mundo escrito, de seu contexto e de sua cultura. A respeito dessa relação livro e leitor Darnton (1990, p. 111) sintetiza:

(...) talvez caiba propor um modelo geral para analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade. Evidentemente, as condições variam tanto de lugar e de época, desde a invenção do tipo móvel, que seria tolo esperar que todas as biografias dos livros se encaixassem num mesmo modelo. Mas, de modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor, ao vencedor, e chega ao leitor.

A partir dessa perspectiva, é possível perceber que os livros de Victor Márcio Konder também passaram por um ciclo de vida, que não apenas se dá com a leitura, mas com sua produção e, enfim, chegam às mãos do leitor, por motivos mais variados (presente, comprado, achado, indicado, etc.) cada um será lido de uma maneira individual, mas sob as influências do ciclo de vida pelo qual o livro passou.

O ato de “bisblotecar” permite dizer que, mesmo deixando seus rastros em uma quantidade significativa de sua biblioteca, Konder não folheou, muito menos leu todos os seus livros, mas isso não o desqualifica quanto uma figura intelectual e leitora. Ao pesquisar a biblioteca foi possível perceber traços de sua atuação profissional, no caso professor. Lidos ou

não Konder os manteve em sua biblioteca, por razões diversas, seja o gosto pessoal pela leitura e uma necessidade profissional ou até mesmo por um desejo de guarda, inscrição e recordação (CUNHA; PHILIPPI, 2011).

Maria Teresa Santos Cunha (2012) em sua conclusão quanto à pesquisa em livros pertencentes ao Museu da Escola Catarinense traz uma fala passível de ser pensada no presente trabalho:

Os livros dessa *biblioteca anotada* [...] mostraram padrões de sociabilidade, cunharam sensibilidades, marcaram subjetividades geracionais em nomes próprios, dedicatórias e relíquias deixadas em suas entranhas. [...] a relíquia esquecida ou abrigada em meio às páginas dos livros, abrem espaços para a aventura de conhecer, pelos objetos, modos de ler maneiras de escrever; (CUNHA, 2012, p. 26).

Os livros aqui analisados, muitos deles considerados como objetos ordinários, são tidos como rico documento para a história. Rastrear as leituras, os entendimentos dentro do que é lido, perscrutar sua visão de mundo, são possibilidades para pensar e construir muitas histórias, afinal “o historiador nunca consegue exaurir completamente seus documentos; pode sempre questioná-los, de novo, com outras questões ou levá-los a se exprimir com outros métodos” (PROST, 2008, p.77).

Cabe finalizar este capítulo com as palavras do grande bibliófilo brasileiro, José Mindlin, e que talvez ajude a pensar não apenas sobre a constituição da biblioteca de Victor Márcio Konder, mas de todos aqueles que são apaixonados por esses objetos repletos de palavra impressa:

O amor ao livro e o hábito da leitura vêm de longe e constituem um dos interesses centrais de minha vida. Esses interesses poderiam ter sido atendidos sem que tivessem resultado numa biblioteca de proporções talvez excessivas, se eu me tivesse sempre limitado aos livros que conseguisse ler, comprando um de cada vez, e só comprando o seguinte depois de ter lido o anterior. Mas não foi o que aconteceu, e não creio que tenha acontecido a ninguém que eu conheça, e que realmente goste de livros. (MINDLIN, 2008, p. 13).

Flanar pelas próximas páginas, agora para ouvir o pedido silencioso para uma leitura no interior dos livros: as dedicatórias.

2 - UM PEDIDO SILENCIOSO DE LEITURA: A DEDICATÓRIA

Já em casa, depois da ida a livraria, retira da sacola o livro, abre-o e na primeira folha com espaços em branco que encontra, inscreve suas palavras, pára, pensa, relembra algo, sorri, volta a desenhar belas e legíveis letras. Conclui sua escrita com uma linda assinatura, o dia, mês e ano. Fecha o livro, coloca-o em um embrulho de presente e aguarda o querido amigo chegar para presentear-lo, agora não apenas com o livro vazio, mas o livro já personalizado, preenchido com sua dedicatória.

2.1 UMA ESCRITA NÃO TÃO VULGAR A HISTORIAR

Dedicar o livro é uma prática bastante utilizada não apenas na contemporaneidade. Nos séculos XV e XVI na França esse ato já era empregado pelos autores que dedicavam suas obras aos patrocinadores, de maneira geral soberanos, com intuito de solicitar e agradecer favores, apoio financeiro e até mesmo prestígio na sociedade. Mas o interesse não estava apenas no lado dos autores, mas também do soberano, que via nesta ação uma forma de reconhecimento, de importância, tornando-se assim um objeto de vaidade (CORADI, 2007).

Nota-se com isso, que a dedicatória já nesse período possuía uma intenção além de um registro escrito:

Cerca de quatro séculos se passaram, mas a dedicatória não deixou de ser uma prática ritualística, na qual o dedicatário e o receptor são cúmplices de uma reciprocidade única, advinda de rotinas e hábitos intrinsecamente ligados às práticas culturais, práticas estas que envolvem a leitura e a escrita (CORADI, 2007, p. 14)

Ao observar essas especificidades das dedicatórias, ou seja, ao perceber que aquele registro escrito poderia possuir muitos significados, ocultos, a *priori*, houve o interesse em imergir nesse mundo, pois ao folhear os muitos livros de Konder houve o encontro com as dedicatórias, totalizadas em 22, sempre muito afetuosas, trazendo palavras amigas e elogiosas. Esse registro escrito é conhecido e trabalhado pelos historiadores da Cultura Escrita, ou seja,

Associadas a momentos coletivos ou pessoais intensos, à rotina das atividades quotidianas ou a demonstrações de competência escrita, acabam por ser de natureza banal e diversa. Vocacionadas, como única finalidade comum, para deixar marcas, são, além disso, um objeto evanescente, sem contornos definidos. (FRAGO, 2001, 44).

Aparentemente ordinária, essa escrita traz possibilidades de observar o cotidiano vivido por um grupo, suas representações e significados das práticas sociais em determinados contextos. A dedicatória se enquadra neste tipo de escrita ordinária (CUNHA, 2009),

anotações que remetem ao uso pessoal, ou seja, escritas que intentam buscar fama. Assim, também podem ser pensadas as cartas, diários, listas e até mesmo cadernos escolares, objetos de estudo recentes no campo da história (MIGNOT, 2008; CUNHA, 2008, 2012).

As dedicatórias, portanto, são vestígios de práticas sociais, porque elas sugerem o que um indivíduo pensava, possivelmente desejava e sua relação com o destinatário (CORADI, 2007). Além disso,

A dedicatória apresenta-se como símbolo das relações políticas, das trocas efetuadas na busca por poder e influência; símbolo de uma política apoiada na hierarquia vigente. O livro e a dedicatória são marcas de uma cultura que busca sofisticar suas relações e representações, sendo interessante observar sua utilização por uma elite letrada em meio a uma maioria de iletrados. (DELMAS, 2007, p. 02).

Nota-se que esse material é pleno de história, passível de múltiplas discussões, políticas, sociais, intelectuais. Atualmente historiadores da Cultura Escrita se debruçam nesses objetos, observando grande potencial na análise desses testemunhos escritos. Armando Petrucci, Antonio Castillo Gómez (2012, p. 67) apontam que a cultura escrita almeja:

por em relevo e converter em objeto de estudo as relações que se estabelecem, em diversas situações históricas, entre os sistemas de escrita, as formas gráficas e os processos de produção dos testemunhos escritos, por um lado, e as estruturas socioeconômicas das sociedades que elaboram, utilizam e manipulam estes produtos

É necessário analisar cada detalhe daquilo que foi escrito, no suporte em que foi posto, e para quem foi direcionado, assim se enquadram as escritas ditas ordinárias, neste caso, cada uma das dedicatórias.

A partir desta perspectiva da Cultura Escrita pretende-se trabalhar as dedicatórias encontradas no acervo de Victor Márcio Konder. Quem são as figuras emissoras desses escritos? De onde falam? O que falam? Em que contexto? Quem é o receptor? São alguns dos questionamentos a serem realizados ao longo deste capítulo, pautando-se sempre no que trabalha a Cultura Escrita.

A dedicatória não é apenas rastro escrito, e ser considerada como escrita ordinária não a desqualifica, haja vista que indícios miúdos podem carregar valiosas informações. Neste caminho de valorização dos pequenos vestígios, percorre Carlo Ginzburg (1989, p.144) que, em seus muitos estudos, afirma ser “necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis”.

Quando questionada, a dedicatória mostra costumes, práticas e hábitos de leituras, tanto do emissor quanto do receptor (CORADI, 2007). Desta forma, portanto, é possível pensar a dedicatória como uma representação, esta entendida como “função mediadora que informa diferentes modalidades de apreensão do real, por meio de signos linguísticos, mitológicos, religião ou conceitos científicos.” (CHARTIER, 1989, p. 19), ou seja, a

dedicatória, de uma maneira oculta, transmite valores e finalidades, e participando disso está aquele que escreve a dedicatória – produzindo um sentido a sua escrita – e aquele que a recebe – com a leitura do que lhe foi dedicado produz outro sentido.

2.2 AS DEDICATÓRIAS TAMBÉM MUDAM DE BIBLIOTECA

Todo livro que compõe uma biblioteca pessoal tem muito a contar e não somente a história que nele está impressa, “o livro de propriedade pessoal e o local onde é guardado e consultado constituem, assim, objeto de atenções particulares, de uma multiplicidade de gestos”. (CHARTIER, 2009, p. 139). Atentando para esta multiplicidade direcionou-se o olhar para as dedicatórias encontradas na biblioteca pessoal de Victor Márcio Konder. Lembrando que estas se localizam nas primeiras páginas, folha de guarda (folha em branco após a capa), a falsa folha de rosto (possui algumas informações sobre o livro) e a folha de rosto (espaço onde contém todas as informações da obra) e percebidas como “loais estratégicos para a escrita de mensagens, e por isso exploradas por dedicatários” (CORADI, 2007, p. 33).

No capítulo anterior, apresentaram-se na tabela 2 algumas marcas e a passagem do leitor por entre suas muitas obras. As dedicatórias ajudaram a compor este levantamento e foram totalizadas em 22. Mas esta análise quantitativa não bastou para aprofundar as discussões pretendidas. Por isso, além da contagem, examinou-se, de maneira minuciosa, as dedicatórias que foram também digitalizadas.

Chamou a atenção que, destas 22 dedicatórias, 04 (quatro) não aparentavam ter vínculo com Victor Márcio Konder, visto que eram dedicadas à outras pessoas. A partir desses vestígios é possível pensar que Konder adquiriu estas obras ou em um sebo, ou até mesmo, que ganhou os livros das próprias pessoas presenteadas com as dedicatórias.

Houve outra surpresa, em outra obra que apresentava dedicatória, esta encaminhada para Marcos Konder, pai de Victor. A obra é intitulada *Arrasando o Socialismo* (1933) de autoria de Max Hirsch. Como já comentado, Marcos Konder além de trabalhar no comércio, participou ativamente da política em Santa Catarina. Foi nomeado vereador e até mesmo eleito deputado federal, mas em razão da revolução de 1930 não chegou a ser empossado e em 1937 foi deputado estadual (CUNHA; PHILIPPI, 2011).

Estes indícios permitem compreender o livro que Marcos Konder possivelmente ganhou. Sua conexão com a política e com um ideário ligado ao socialismo oferecem pistas para considerar ser esta uma provável razão para aquele que o presenteou escolhesse tal temática. Além disso, manter em sua biblioteca pessoal a obra antes pertencente a seu pai,

abre brechas para pensar a posse de livros em sua família, os hábitos leitores de seus antepassados além de sinalizar formas de como Victor Konder foi constituindo sua biblioteca.

Também é importante pontuar que ter livros, antes pertencentes a familiares, em especial os pais, está muitas vezes associado a motivos sentimentais e não necessariamente a questões intelectuais. Guardar uma obra que um dia passou pelas mãos e olhos de seu pai, fez com que Konder desejasse cultivar aquele bem, afinal, o ato de guardar tem a finalidade de conservar, proteger, dar vida a algo que com a passagem do tempo deveria ser esquecido destruído, tornando-se, assim, lixo (CUNHA; MIGNOT, 2006), o medo do esquecimento e o desejo de lembrar-se do pai fez com que guardasse a obra. Mas não se pode ignorar o interesse de Victor Márcio Konder na temática, tendo em vista que por muito tempo esteve imerso nas questões políticas também. Portanto, pode haver mais de uma razão para a guarda do livro.

Com esta análise, das 05¹⁴ (cinco) obras não dedicadas a Victor Márcio Konder, há a alteração na quantidade de dedicatórias voltadas a esta personagem (emitidas de alguém para Konder e de Konder a alguém) totalizadas agora em 17. Diferentes caminhos podem levar a outras conclusões, por esta razão optou-se por não pesquisar mais a fundo essas 04 (quatro) dedicatórias, tendo em vista que o objetivo neste capítulo é perceber alguns aspectos voltados ao dono da biblioteca, Victor Márcio Konder. Como bem coloca Maria Teresa Santos Cunha com base em suas pesquisas em livros do Museu da Escola Catarinense sobre as múltiplas possibilidades de estudos no interior de um livro

Oferecem pistas curiosas a respeito do universo cultural em que estavam inseridos leitores/doadores naqueles tempos. Tantas e tão diferentes marcas permitem imaginar o leitor/doador pela dedicatória, atentar para as palavras sempre cordiais da oferta, reparar na cuidadosa organização gráfica com que se dispunha, na página em branco, a caligrafia nítida, por exemplo. Esta ordem parece antecipar o texto, anunciar um temperamento sensível não só no recurso infinito das palavras como à visibilidade imperiosa das letras desenhadas (CUNHA, 2009, s/ p.).

A análise desse tipo de vestígio não pode ser resumida como algo retilíneo, sem desvios. As pistas encontram-se espalhadas em múltiplas direções, podendo o historiador posicionar-se para uma destas e debruçar-se dentro de um pequeno recorte do universo cultural de cada leitor.

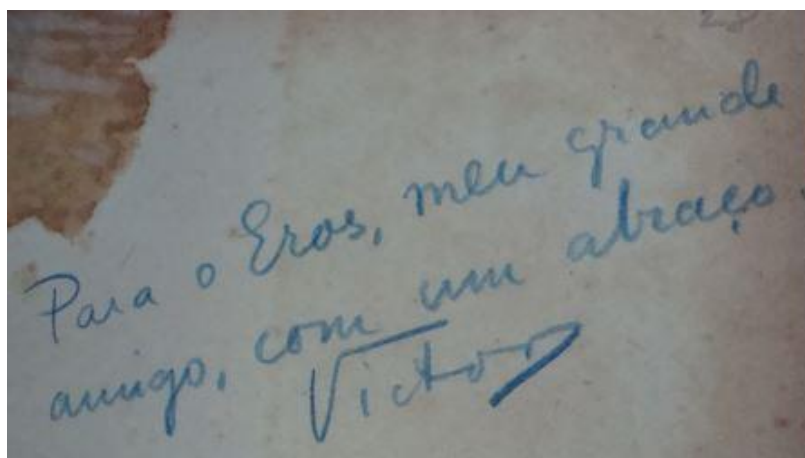
¹⁴ Os 5 livros aqui brevemente analisados, possuem um grande potencial, no entanto, por não trazerem os aspectos diretamente voltados a personagem principal desse trabalho preferiu-se deixá-los silenciados, mas não esquecidos

2.3 COM UM ABRAÇO, KONDER

Antes de voltar às dedicatórias ligadas a Konder, faz-se necessário descrever alguns aspectos da coleta desses registros escritos, pois o olhar deve perpassar não somente o que foi escrito “trata-se de um olhar apurado, sensível, para que tais informações não sejam lidas de uma maneira dinâmica e superficial.” (CORADI, 2007, p. 21), ou seja, voltar-se para as dedicatórias e realizar a leitura destas sem ir além não será suficiente; a busca por outras informações, em princípio, não visíveis, é fundamental para compreender todo o desenrolar que resultou na dedicatória. Para tudo isso, é necessário uma visão crítica e esmiuçadora do objeto estudado, pois, ao seguir dados aparentemente pequenos, como diz Carlo Ginzburg ao examinar os “pormenores” é possível captar uma realidade mais profunda (GINZBURG, 1989).

No encontro com as dedicatórias uma chamou a atenção por sua singularidade, o motivo para isso era a personagem que dedicava: o próprio Victor Márcio Konder (ver figura 12).

Figura 12 - Dedicatória escrita por Konder, (acervo digital LabPac).



Fonte: ROJO, Vicente. España Heroica. Editorial Americale, 1942.
Para o Eros, meu grande amigo, com um abraço. Victor (assinatura)

Logo, nota-se que este livro era para estar alocado na prateleira de outra pessoa, Eros, mas por algum motivo permaneceu no acervo daquele que dedicou. Em primeiro lugar, essa dedicatória permite afirmar o hábito de presentear alguém querido com um livro e registrar nas primeiras páginas o sentimento pela pessoa. Quanto à razão de o livro estar na biblioteca de quem dedicou, pode-se levantar algumas proposições, como por não ter a oportunidade de entregar ao amigo, em função da distância, motivos de falecimento ou até mesmo por ter se

encantado com o livro e desistido de presentear-lo, haja vista que Konder matinha um grande zelo por esses impressos.

O conteúdo da mensagem também ajuda a ilustrar a relação de Konder com Eros. É um registro de afeto que não se apresenta apenas na materialidade do objeto, mas também na escrita. Mesmo não chegando às mãos de Eros, as palavras de Konder deixam transparecer uma relação, um afeto, um amigo, mesmo que este não tenha tomado conhecimento deste presente. Mas, hoje, graças a esta dedicatória, repleta de memória de um tempo, sabe-se quem dedicou e a quem se destinou o livro, permitindo pensar sobre sua rede de amigos, ainda que não tivesse chegado a se hospedar na estante do dedicado.

Nas palavras de Maria Teresa Santos Cunha (2009, s/p) sobre a riqueza das evidências de uma dedicatória: “A escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras e assim as dedicatórias expressam um desejo do doador de que o receptor compartilhe do texto escrito e que o leia”. Mesmo que não chegue ao destino, como no caso aqui exposto, a dedicatória não perde seu significado, pois está nela registrado o desejo do doador, assim como seu afeto, como bem escreve Konder, amigo.

2.4 AO QUERIDO AMIGO KONDER: DAS ESTANTES ÀS TABELAS

A análise das dedicatórias primeiramente consistiu: na busca das obras que foram ofertadas, a temática, o ano de publicação e a autoria, além da digitalização da capa de cada livro (ver tabela 3). Em seguida, cotejaram-se os dados que as dedicatórias apresentavam, tais como: nome do dedicado, nome de quem dedicou, data e local. Para visualizar, de uma maneira ampla, as informações produziu-se uma tabela (ver tabela 4), na mesma perspectiva do capítulo anterior, ou seja, não somente focar nesta ferramenta e tirar todas as conclusões por ela, mas retirar da análise dela possíveis evidências que contribuam para aprofundar as discussões.

Tabela 3- Levantamento dos livros com dedicatórias

Livro/Editora	Autor	Ano	Categoria
<i>A Filosofia em Reconstrução.</i> Companhia Editora Nacional	John Dewey	1958	Filosofia
<i>A inflação brasileira.</i> Tb edições	Ignácio Rangel	1963	Economia
<i>A Palavra – a arte da conversação e da oratória.</i> Editora, UFSC.	Nereu Corrêa	1983	Letras
<i>A redução sociológica.</i> Escola Técnica Nacional	Guerreiro Ramos	1958	Sociologia
<i>Antologia Filosófica.</i> Talleres Tipográficos Modelo	Jose Gaos	1941	Filosofia
<i>Dualidade básica da economia brasileira.</i> Escola técnica nacional	Inácio Rangel	1957	Economia
<i>España Heroica.</i> Editorial	Vicente Rojo	1942	História

Americale			
<i>Facundo</i> . Bibliotheca Militar	Sarmiento	1938	História
<i>História Popular da Revolução Praieira</i> . Editorial Vitória,	Fernando Segismundo,	1949	História
<i>História Sincera da República</i> . Livraria São José	Leoncio Basbaum,	1957	História
<i>Lutas de Famílias no Brasil</i> . Companhia editora Nacional	L. A. da Costa Pinto	1949	História
<i>O Deus Nu – O escritor e o partido comunista</i> . Editora Saga	Howard Fast	1959	Estudos Marxistas
<i>O seguro de Crédito</i> . Max Limonad,	Fábio Konder Comparato	s/d.	Economia
<i>Rêde</i> . Edições Sul	Salim Miguel	1955.	Literatura
<i>Teste A B C – Para verificação da maturidade necessária a aprendizagem da leitura e escrita</i> . Comp. Melhoramentos de S. Paulo	Lourenço Filho	1933	Educação
<i>Uma garganta e alguns níquens</i> . Aurora	Mauricio Vinas de Queiroz	1947.	Literatura
<i>Versos</i>	Aylton Quintiliano	1958	Literatura

Fonte: Acervo Konder/ Biblioteca da UDESC/ Tabela elaborada pela autora

Por meio desta tabela, é possível aferir algumas informações. As categorias das obras ofertadas demonstram que, em sua maioria, os livros dedicados se voltam a assuntos de cunho profissional especialmente voltada às áreas de atuação do proprietário, qual seja, as Ciências Humanas e Sociais.

As temáticas dedicadas a Konder ajudam a confirmar essas questões. Das 17 obras 06 (seis) – “O Deus Nu: O escritor e o partido comunista”, “Lutas de Famílias no Brasil”, “História Sincera da República”, “História Popular da Revolução Praieira”, “Dualidade básica da economia brasileira”, “A inflação brasileira” – permeiam temáticas de cunho comunistas bem como assuntos voltados ao Brasil. Como diz Chartier (1994, p. 09), as obras, indiferentes do tamanho, não possuem um sentido estático, fixo, “Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção”; os sentidos conferidos dependem das competências ou das expectativas dos distintos públicos que dela se apropriam. Tudo isso colabora para tentar compreender o que Konder, possivelmente, leu e que contribuiu para a produção de críticas ao PCB e a realidade Brasileira, bem como os motivos que as pessoas dedicaram tais obras.

Cabem ressaltar as temporalidades das obras, tanto do ano de publicação como também do ano que foi dedicado. A tabela 4, não apresenta o título das obras, mas segue a ordem destas segundo a tabela 3.

Tabela 4 - Dados relacionados às dedicatórias

Data	Local	Emissor	Receptor
28/02/1958	-	Wilson Ulellos	Victor Márcio Konder
13/09/1963	-	Ignácio Rangel	Victor Márcio Konder
25/05/1987	-	Nereu Corrêa	Victor Márcio Konder e Rosa Konder
09/09/1958	Rio de Janeiro	Guerreiro Ramos	Victor Márcio Konder
Possivelmente dezembro	-	Alex e Laura	Victor Márcio Konder e Rosa Konder
03/04/1958	Rio de Janeiro	Ignácio Rangel	Victor Márcio Konder
-	-	Victor Márcio Konder	Eros
-	-	Alex	Victor Márcio Konder
-	Rio de Janeiro	Segismundo	Victor Márcio Konder e Rosa Konder
05/07/1957	Rio de Janeiro	-	Victor Márcio Konder
Abril/1949	Rio de Janeiro	Costa Pinto	Victor Márcio Konder
17/07/1955	Rio de Janeiro	Osvaldo	Victor Márcio Konder e Rosa Konder
1º/10/1965	São Paulo	Fábio Konder Comparato	Victor Márcio Konder e Rosa Konder
Fevereiro/1957	Florianópolis	Salim Miguel	Victor Márcio Konder e Rosa Konder
13/03/1984	-	-	Victor Márcio Konder
7/09/1947	-	-	Victor Márcio Konder e Rosa Konder
30/06/1958	-	Quintiliano	Victor Márcio Konder

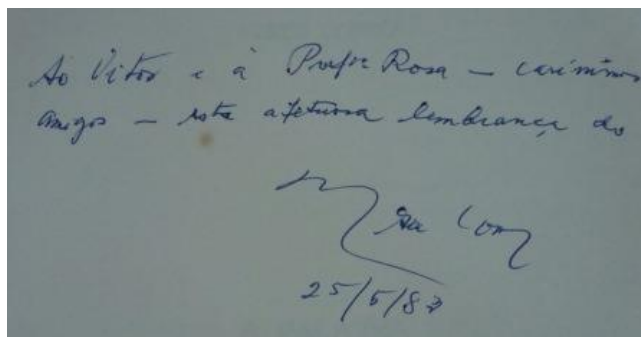
Fonte: Acervo Konder/Biblioteca da UDESC/ Elaboração da Autora

A dedicatória, datada, mais antiga é de 1947 e a mais recente compreende o ano de 1987. As temporalidades são marcadamente dos anos 1950, o final dos anos 1940 e início dos 1960, e ajudam a compor esse período. Quanto a esse momento, é sabido que Konder estava em um tempo de transição em sua vida, 1956 rompeu com o PCB e com o auxílio da localidade das dedicatórias, em maioria do Rio de Janeiro, ajudam a constatar que lá residia, mas que continuava a manter contato, desde a década de 1950, com Florianópolis.

Além disso, muitas das obras ofertadas eram direcionadas não somente a ele, mas a sua esposa Rosa Konder (totalizadas em sete), o que ajuda a presumir que havia um contato com o casal, algo possivelmente mais íntimo, pois além das palavras afetuosas para Victor Konder o registro escrito era também endereçado à Rosa. O contato também com sua esposa faz vislumbrar uma amizade no âmbito privado. Vale frisar que Rosa também era envolvida com o mundo das letras, foi professora de letras (Inglês) posteriormente na Universidade Federal de Santa Catarina. Deste modo, tudo isso contribui para pensar em uma biblioteca partilhada entre o casal já que nas muitas dedicatórias ela se encontra como presenteada junto com seu marido. Uma relação com o casal dá a entender que os presenteadores os conheciam para fora de uma vida acadêmica, ligados ao privado e ordinário, ou seja, uma relação de

amizade que transpunha o coleguismo do cotidiano. Em uma destas, datada de 1987 (figura 13), período em que já residiam em Florianópolis, é chamada de professora.

Figura 13 - Dedicatória ao casal Konder, (acervo LabPac)



Fonte: CORRÊA, Nereu. *A Palavra – a arte da conversação e da oratória*. Editora, UFSC, 1983. *Ao Vitor e à Profª Rosa – caríssimos amigos – esta afetuosa lembrança do Nereu Correa*
25/5/87

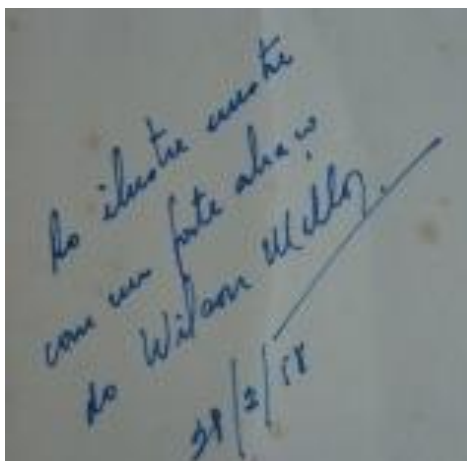
Em outra dedicatória, esta somente a Victor Konder, o mesmo ocorre quanto à denominação. O dedicatário inscreve nas primeiras páginas “Ao mestre”, o que possivelmente remete ao lado profissional de Konder, bem como ajuda a construir uma imagem intelectual. Ao adjetivar Konder de “mestre”, o dedicatário pode estar o elogiando não somente por sua profissão, mas como um homem inteligente, culto, que sabe discutir sobre muitos assuntos. O livro, intitulado “A Filosofia em Reconstrução” (ver figura 14) autoria de John Dewey, que guarda tal dedicatória, também contribui para discorrer sobre tudo isso. Quando alguém escolhe determinado livro para presentear alguém (ou até mesmo outro objeto) busca encontrar semelhanças com o presenteado, seja pessoal ou profissional, haja vista que a intenção é agradar e demonstrar afeto.

Muitas pessoas continuam a presentear outros com livros, livros estes que lhe são queridos por alguma razão. Presentear, doar ou ofertar fazem parte de uma cultura quase inerente ao ser humano (CORADI, 2007, p. 43)

Ao direcionar o olhar para a obra ofertada a Konder, o mesmo pode ser feito e pensado. Wilson (o dedicatário), possivelmente buscou escolher aquilo que ele sabia que Konder (o receptor) tinha interesse.

Com tais elucidações e com as informações conhecidas sobre Konder (sua formação, profissões, interesses políticos e sociais), é possível compreender as razões prováveis para que Wilson escolhesse a obra “A Filosofia em Reconstrução” para presenteá-lo e registrar nas primeiras páginas esta oferta.

Figura 14 - Dedicatória ao ilustre mestre (Acervo LabPac)



Fonte: DEWEY, John. A Filosofia em Reconstrução. Companhia Editora Nacional, 1958.
Ao ilustre mestre com forte abraço do Wilson Uellos (Assinatura)
 28/2/58

Essas análises podem ser realizadas em outras obras compostas por dedicatórias. Como já comentado, algumas das obras mostram-se muito atreladas aos interesses de Konder. Os anos das dedicatórias também auxiliam, uma vez que a maioria dos anos permeia o período em que integrou o PCB (1935) até o momento em que decidiu desligar-se (1956). Logo, é possível pensar que as dedicatórias expõem “múltiplos Konder”. Um voltado para as ideias comunistas e a sua militância e outro mais crítico quanto a esses assuntos e ao partido do qual fazia parte e que compartilhava das ideias comunistas. De acordo com Angela de Castro Gomes (2004), o homem moderno tem sua identificação estilhaçada, ou seja, não está mais preso a tradição e nem necessariamente a nação.

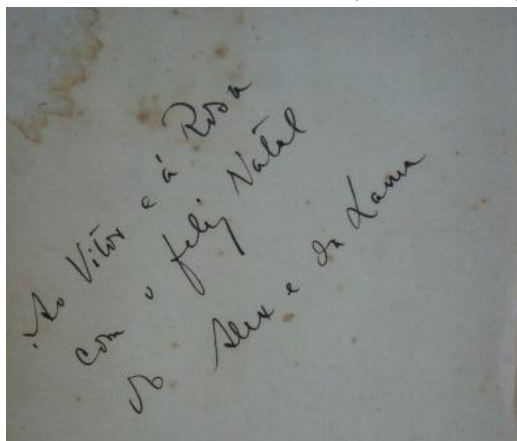
(...) Um processo de mudança social pelo qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de se sobrepor ao indivíduo, que se torna ‘moderno’ justamente quando postula uma identidade singular para si no interior do todo social, afirmando-se como valor distinto e constitutivo desse mesmo todo. (GOMES, 2004, p.12).

As pessoas procuram dar um sentido a sua vida individualmente e coletivamente ainda que essa *identidade* não seja presa à nação e à tradição, mas a um grupo na qual ele se vê inserido. Assim pode-se pensar Konder pelas dedicatórias como um indivíduo que recebe das pessoas e, coletivamente, antes ligado ao grupo de tendência comunista e posteriormente a um grupo que está repensando as ideias comunistas. É possível vislumbrar por meio da relação de livros de Konder os seus “eus” ao longo do tempo. Pode-se afirmar, desta forma, que a vida de Konder não seguia os ditames de um projeto retilíneo e único. No cotidiano dele, como de qualquer outro, emergiam possibilidades – expectativas e futuros – que desmontam a intencionalidade de muitos atores a se inscreverem a partir de uma identidade única e

retilínea. A vida não é um projeto dado, Konder poderia vislumbrar seu futuro, mas não guiá-lo. Assim se depara em seus livros com a experiência de “outros Konder”.

Além de tudo isso, outros aspectos são plausíveis de serem notados. Com a letra bem desenhada é possível observar certa admiração por meio das palavras ali registradas no espaço em branco. “Celebra-se, por escrito, a amizade, cultuava-se a lembrança [...]. Estes sentimentos [...] consideram esta prática como formas simbólicas de poder e marcas de uma cultura da homenagem, até certo ponto laudatória.” (CUNHA, 2009, s/ p). As belas e cordiais palavras dão ao texto um valor muito mais marcante. Há as relações nas entrelinhas, o prestígio e a importância, características constantes das dedicatórias desde os séculos XV e XVI, permanecem ainda ao tempo, e as condições adversas não ceifaram o ato de guardar os livros do Professor. Nesse mesmo formato pode-se inferir outra dedicatória:

Figura 15 - Dedicatória feliz Natal, (acervo LabPac).



Fonte: GAOS, Jose. Antologia Filosofica. Talleres Tipográficos Modelo, 1941.
Ao Victor e à Rosa com o feliz Natal
Srº Alex e Srª Laura

Além das questões voltadas ao tema do livro, também muito atrelada ao que Konder estudava, nota-se o ato de presentear em uma ocasião especial, aqui o Natal (figura 15). No que se refere aos livros dedicados em decorrência de uma data especial Coradi (2007, p. 43) comenta:

Estas dedicatórias podem denotar uma característica presente entre as pessoas queridas, a da dádiva. O livro é dado como um presente, uma dádiva, um ato voluntário que persiste e insiste em manter-se numa sociedade onde “Consumir e comunicar-se” e os bens de consumo fazem parte de um jogo bem articulado de oferta e procura.

Neste caso, o casal Rosa e Victor Konder recebe essa “dádiva” por serem pessoas queridas. Nota-se de maneira discreta a rede de sociabilidade, rede de amigos ligados por laços diversos, como de parentesco ou até mesmo político (MAY, 1998), não somente nesta

dedicatória, mas em quase todas aqui analisadas. Como bem ressalva Coradi (2007), nem sempre as palavras cordiais e amigáveis indiquem essas redes:

As dedicatórias que indicam laços de amizade podem supor um costume ainda arraigado na cultura das pessoas, a de presentear seus amigos, como uma forma de simbolizar, de ritualizar uma relação que não exige laços consanguíneos, mas a asserção simples e pura de reciprocidade. Isto não é uma afirmativa de que todas as 19 dedicatórias indiquem uma amizade intensa e verdadeira, talvez algumas expressões como “nossa amizade”, “meu amigo” ou “do meu amigo” sejam meras convenções sociais, representações formais que, assim como as dedicatórias destinadas para colegas (entendendo-se por coleguismo uma amizade mais distante, restrita ao local de trabalho, por exemplo), podem insinuar um contato mais superficial (CORADI, 2007, p. 49)

É notório que, ao associar-se temática da obra, a oferta desta, as palavras registradas, bem como o nome do emissor, insinua-se laço de amizade, certo vínculo, mas são necessários os cuidados com as leituras dessas palavras, pois o “querido amigo” pode ser algo formal, uma maneira educada. Entretanto, isso não deixa de indicar uma preocupação em estreitar ou construir um laço de amizade.

Como discutido ao longo deste capítulo, a dedicatória é um tipo de escrita conhecida como vulgar/ordinária, ou seja, volta-se ao cotidiano e às representações bem como aos significados das práticas sociais em contextos específicos e as práticas culturais. Não há um grande texto, com palavras rebuscadas e voltadas a um grande público. Estes registros são de cunho particular, direcionados a uma pessoa de determinado grupo social, aqui um grupo intelectual cujas escritas individuais transparecem aspectos plurais.

As dedicatórias ajudam a compor, também, o perfil de Victor Márcio Konder por meio daqueles que ofertaram. Ao escrever a ele, o dedicatário diz um pouco de Konder, amigo, mestre, tio. Contribui também para construir a figura de um intelectual e a integrá-lo em um grupo. As redes de sociabilidade também são costuradas por meio desses registros escritos. Nota-se em todas as dedicatórias o cumprimento de determinados rituais (CUNHA, 2009).

2.5 O AUTOR: O DEDICATÁRIO/EMISSION DE SUA PRÓPRIA OBRA

As análises até aqui empreendidas, permitem notar a riqueza de informações que uma “simples” dedicatória em um livro pode apresentar. Ainda assim, muita coisa é possível insinuar.

Das 17 dedicatórias, pouco mais da metade (nove), foram dedicadas pelo próprio autor da obra, indicando, ou melhor, contribuindo para confirmar que Konder estava integrado a pessoas douras, haja vista que a produção de livros nos anos analisados (décadas de 40 e 50), era uma atividade mais restrita. Neste período, a produção/edição, tanto em nível nacional

como regional, era uma atividade mais rarefeita, tanto pelo número menor de editoras disponíveis quanto pelo trabalho que envolvia uma publicação. (MATOS, 2008).

Observando, então, esse número significativo de dedicatórias dos próprios autores produziu-se a tabela 5:

Tabela 5 - Autores que dedicaram suas obras a Konder

Livro	Data	Local	Emissor
A inflação brasileira, 1963.	13/09/1963	-	Ignácio Rangel
A Palavra – a arte da conversação e da oratória, 1983.	25/05/1987	-	Nereu Corrêa
A redução sociológica, 1958.	09/09/1958	Rio de Janeiro	Guerreiro Ramos
Dualidade básica da economia brasileira, 1957.	03/04/1958	Rio de Janeiro	Ignácio Rangel
Popular da Revolução Praieira, 1949.	-	Rio de Janeiro	Segismundo
Lutas de Famílias no Brasil, 1949.	Abril/1949	Rio de Janeiro	Costa Pinto
O seguro de Crédito, s/d.	1º/10/1965	São Paulo	Fábio Konder Comparato
Rêde, 1955.	Fev/1957	Florianópolis	Salim Miguel
Versos, 1958.	30/06/1958	-	Quintiliano

Fonte: Acervo Konder/Biblioteca da UDESC/ Elaboração da Autora

Possuir livros com dedicatórias é manter vestígios de práticas sociais, e elas não deixam de ser uma representação de um grupo, aqui um grupo voltado ao meio intelectual. As dedicatórias evidenciam laços de amizade, relações de reciprocidade e espaços de memória, pois “a escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras” (CUNHA, 2012, p. 24) sendo este futuro o hoje.

Sempre nas primeiras páginas, as dedicatórias dos autores das obras, algumas datas e locais, ajudam a tecer comentários e até mesmo algumas conclusões. Para traçar, ainda que brevemente, as relações dos autores com as obras dedicadas a Victor Márcio Konder, buscou-se conhecer alguns aspectos sobre essas figuras emissoras.

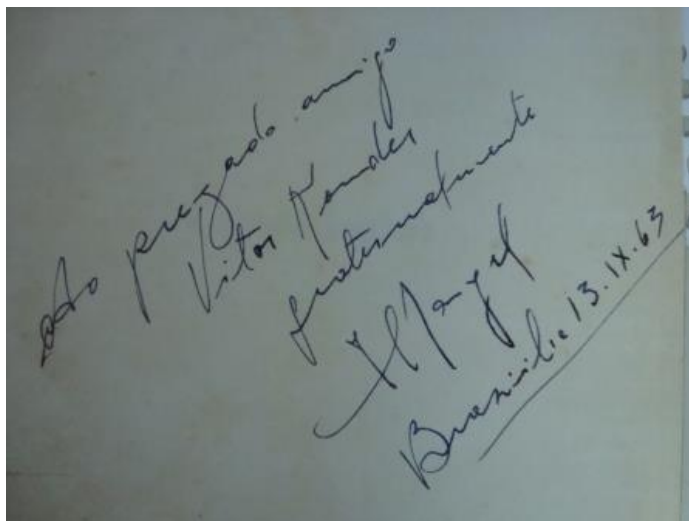
2.5.1 Ignácio Rangel (1914-1994), *Ao prezado amigo e Ao amigo*

Sim, este subtítulo possui dois inícios de dedicatórias, haja vista que este autor dedicou duas obras a Konder (figuras 16 e 17). Nas pesquisas realizadas¹⁵ (artigos acadêmicos, jornalísticos, pequenas biografias, etc.) sobre este autor, encontrou-se um indivíduo bastante atuante no cenário político brasileiro. Mas o que se sobressai são as informações de que Rangel foi militante do Partido Comunista, o que permite elucidar sua relação com Victor Márcio Konder. Atuou no Instituto Superior de Estudos Brasileiros

¹⁵ Para encontrar informações sobre todos os autores que dedicaram obras a Konder utilizou-se a procura desses autores nos catálogos da Biblioteca da UDESC e a ferramenta de busca da internet *Google* com o intuito de procurar informações sobre a trajetória de cada um.

(ISEB) e, assessorou Getúlio Vargas quanto a assuntos econômicos e participou do governo de Juscelino Kubitschek.

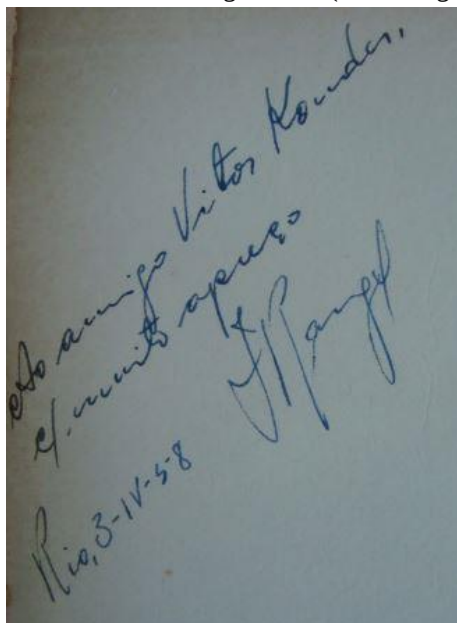
Figura 16- Dedicatória de Rangel 1963, (acervo digital LabPac).



Ao prezado amigo
Vitor Konder
fraternamente
Ignácio Rangel
Buenos Aires 13.IX.63

Fonte: RANGEL, Ignácio. A inflação brasileira. Tb edições, 1963.
Ao prezado amigo Vitor Konder fraternamente
Ignacio Rangel (assinatura) ? 13.IX.63

Figura 17 - Dedicatória de Rangel 1958, (acervo digital LabPac)



Ao amigo Vitor Konder,
com muito apreço
Ignácio Rangel
Rio, 3-IV-58

Fonte: RANGEL, Inácio. Dualidade básica da economia brasileira. Escola técnica nacional, 1957.
Ao amigo Victor Márcio Konder, com muito apreço.
Rio, 3-IV-58 Ignácio Rangel (Assinatura)

Tudo isso ajuda a presumir que tanto Konder quanto Rangel compartilhavam ideias em comum. Ter duas dedicatórias permite pensar que os laços entre ambos eram mais estreitos porque estavam ligados a um mesmo ideário político, contribuindo para visualizar uma rede de sociabilidade, podendo ser esta uma rede de amigos ligados entre si por laços

políticos (May, 1998). A temática das obras dedicadas também contribui para compor algumas análises. O assunto da economia no Brasil se conecta com a preocupação de Konder quanto o Brasil e seus problemas econômicos e sociais, em especial após seu afastamento do PCB (1956), como bem coloca em sua autobiografia *Militância* (KONDER, 2002). As datas registradas por Rangel também ajudam a confirmar tais conclusões, pois neste período Konder está repensando as ideias comunistas e investigando mais a fundo a realidade brasileira. É possível, então, conjecturar que as obras de Rangel contribuíram de alguma maneira para suas opiniões na época.

O ofício de jornalista também fez parte da vida dos dois. Konder trabalhava desde 1944 nesta área, integrando o *Diário Carioca*, no Rio de Janeiro, e na década de 1970 o *Jornal de Santa Catarina*. Já Rangel manteve uma coluna no *Jornal Última Hora* no Rio de Janeiro entre 1961 e 1969, ainda nos anos 80 do século passado colaborou com o *Jornal Folha de São Paulo*. Ignácio Rangel veio a falecer em 1994.

2.5.2 Nereu Corrêa (1914-1992): ao Vitor e a prof^a Rosa

Retomando esta dedicatória (ver figura 13), de cunho mais informal, pode-se pensar em um convívio mais direto. Ela foi também produzida pelo próprio autor da obra, Nereu Corrêa, outra figura atuante no cenário político em Santa Catarina, assim como também envolto no meio intelectual, membro da Academia Catarinense de Letras desde 1960. Também foi secretário particular do governador Irineu Bornhausen, primo de Konder, o qual produziu uma biografia: “Irineu Bornhausen - Trajetória de um Homem Público Exemplar”, em 1997.

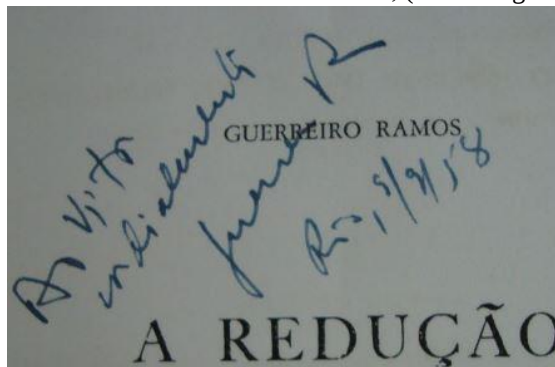
A dedicada obra foi publicada em 1983, mas chegou às mãos de Konder e a Rosa em 1987. Pela data torna-se admissível afirmar que já vivia em Florianópolis/Santa Catarina e lecionava na Universidade do Estado de Santa Catarina. Assim como é possível dizer que manteve, na capital catarinense, laços políticos e intelectuais, ajudando, com isso, a perceber a dedicatória como um símbolo de relações políticas (DELMAS, 2007).

2.5.3 Guerreiro Ramos (1915-1982): ao Vitor cordialmente...

Ao buscar informações sobre este autor deparou-se com uma surpresa: sua atuação possuía proximidades com a atuação de Ignácio Rangel. Alberto Guerreiro Ramos era sociólogo e também assessorou o presidente Getúlio Vargas durante seu segundo governo e

atuou, em seguida, como diretor do departamento de sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)¹⁶, integrado também por Ignácio Rangel.

Figura 18 - Dedicatória de Guerreiro Ramos, (acervo digital LabPac)



Fonte: RAMOS, Guerreiro. A redução sociológica. Escola Técnica Nacional, 1958.
Ao Vitor cordialmente
 Guerreiro Ramos
 Rio, 9/9/58

O assunto tratado em seu livro também permeia questões de interesse de Victor Márcio Konder que, em 1972, formou-se no curso superior no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O local registrado na dedicatória também contribui na construção do cenário, Rio de Janeiro a capital do Brasil, cidade em que vivia Konder na década de 1950. Isso também ajuda a compreender os cargos que esses intelectuais ocupavam no governo.

É visível, não somente nesta dedicatória, mas em todas ofertadas pelos autores das obras, traços de figuras que constituem um círculo de intelectuais. Konder mantinha relações com essas pessoas por terem coisas em comum, o gosto pela política, pelas letras, por exemplo. Isso não significa, necessariamente, que os laços entre esses indivíduos eram de grande amizade, podem ser laços superficiais, entretanto, alguns interesses em comum fazem com que eles se unam a ponto de merecerem livros.

2.5.4 Fernando Segismundo: Ao Victor e à Rosa, afetuosamente...

Mais uma figura que se associa a Konder por questões profissionais e intelectuais, o assunto tratado em seu livro conecta-se com os estudos do interesse Konder. Foi também professor e jornalista no Rio de Janeiro, ocupando a presidência da Associação Brasileira de

¹⁶ ISEB destinava-se ao estudo, ao ensino e à divulgação das ciências sociais, cujos dados e categorias seriam aplicados à análise e à compreensão crítica da realidade brasileira. Informações disponíveis em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/guerreiro_amos. Acesso em: 31/05/2013

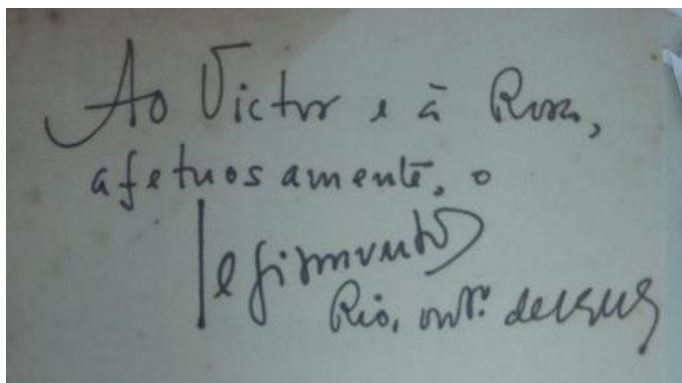
Imprensa. Segundo o próprio tinha simpatia pelo Partido Comunista, mas não tinha uma posição partidária¹⁷.

Proximidades são possíveis entre o emissor e o receptor da dedicatória. Nesta, Rosa Konder também aparece como receptora da dedicatória. Evidenciando, novamente, um possível contato além dos interesses intelectuais. Uma amizade torna-se perceptível somando as análises: dedicatória, o conteúdo destas, e informações do emissor e receptor do registro escrito. No que tange o exercício da amizade:

A amizade é alegria suplementar, marca de uma eleição, não é uma instituição. Ela estabelece rede de influências, inventa lugares de convivência e laços de resistência. (VICENT-BUFFAULT, 1999, p. 09)

Novamente a rede de sociabilidades é intuída. As relações podem passar da fronteira do espaço público para o espaço privado. A sociabilidade mistura-se com a intimidade, tornando a amizade mais sólida. Evidente que não é possível afirmar que Segismundo mantinha um laço de amizade intenso com o casal Konder. No entanto, presume-se um contato além da superficialidade entre o autor/dedicatário (Segismundo) e os leitores (Rosa e Victor Konder). A escrita correta do primeiro nome do receptor “Victor” também chama a atenção (figura 19). Nas análises realizadas poucas foram as dedicatórias que registraram o nome correto, isso pode remeter a uma maior intimidade.

Figura 19 - Dedicatória de Segismundo, (acervo digital LabPac)



Fonte: SEGISMUNDO, Fernando. História Popular da Revolução Praieira. Editorial Vitória, 1949.

*Ao Victor e à Rosa, afetuosamente, o
Segismundo (Assinatura)
Rio, ????*

¹⁷ Tal afirmação se pauta na entrevista datada de 11/09/2008 de Fernando Segismundo, disponível em: <<http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/FERNANDO%20SEGISMUNDO%20final.pdf>> Acesso em: 01/06/2013.

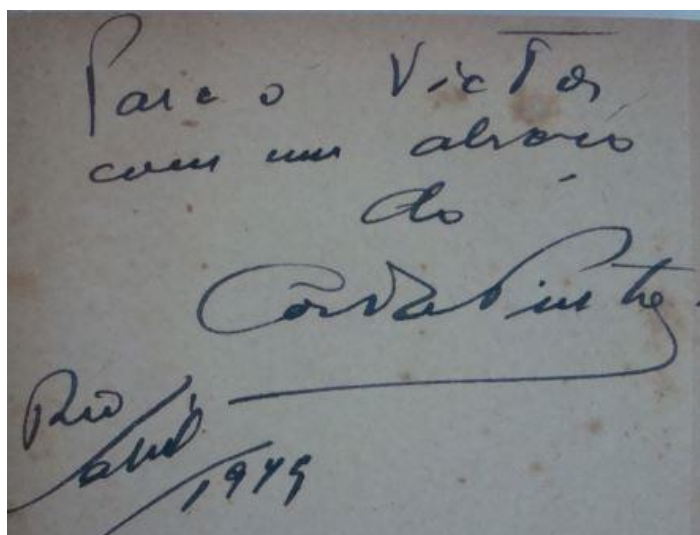
2.5.5 L. A. Costa Pinto (1920-2002): *Com um abraço...*

Nascido em Salvador, em 1937 passa a residir no Rio de Janeiro com a mãe e irmão. Envolveu-se, assim como Konder, no movimento estudantil e na Juventude Comunista, o que acarreta a pensar que entre eles já existia um contato. Torna-se sociólogo pela Faculdade Nacional de Filosofia (1939), da Universidade do Brasil. Nesta mesma faculdade Costa Pinto encontra-se com Guerreiro Ramos (MAIO, 1997), aqui também citado, o que permite pensar na circulação desses intelectuais em espaços acadêmicos, por exemplo.

Algumas informações convergem para perceber que tanto Costa Pinto, Guerreiro Ramos e Victor Konder mantinham laços estreitos. Os interesses e os rumos similares entre Konder e Costa Pinto saltam aos olhos. Ambos migraram para a então capital do Brasil, Rio de Janeiro, na década de 1930, os dois participam da Juventude Comunista. Estavam inseridos em um ambiente onde a política brasileira e o contexto mundial instigaram muitos jovens letrados da capital a almejavam um país com uma postura mais revolucionária.

Ao registrar a Konder seu afeto e desejo de leitura (figura 20), Costa Pinto registra também o local e data, sendo esta a mesma de sua segunda publicação. A maneira com que escreveu o primeiro nome de Konder, Victor, novamente chamou atenção, haja vista que nas dedicatórias dos próprios autores das obras somente dois registraram o nome corretamente, não se esquecendo da letra “c”.

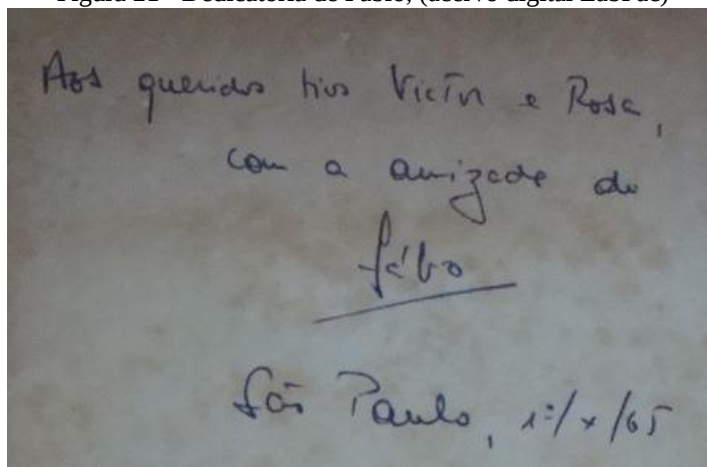
Figura 20 - Dedicatória de Costa Pinto, (acervo LabPac).



Fonte: PINTO, L.A.da Costa. *Lutas de Famílias no Brasil*. Companhia editora Nacional, 1949.
Para o Victor com um abraço do
Costa Pinto
Rio/abril/1949

2.5.6 Fábio Konder Comparato: *Aos queridos tios...*

Figura 21 - Dedicatória de Fábio, (acervo digital LabPac)



Fonte: COMPARATO, Fábio Konder. *O seguro de Crédito*. Max Limonad, s/d.
Ao queridos tios Victor e Rosa, com a amizade de
Fábio
São Paulo, 1º/X/65

Sua dedicatória já evidencia o parentesco, assim como seu sobrenome contribui para tal elucidação. Fábio Konder Comparato é advogado e escritor, formou-se pela Universidade de São Paulo e é professor aposentado da mesma instituição. Este livro dedicado foi a dissertação de livre docência de Direito Comercial da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Guardar e manter o livro em sua biblioteca pessoal pode ser visto como um ato para prestigiar o sobrinho: poderia ser a intenção dos tios e, igualmente, uma forma de carinho e de valorizar o trabalho de Fábio. Por conhecer o perfil de Victor Márcio Konder e até mesmo de sua esposa Rosa, o assunto específico da obra do sobrinho parece não interagir com os interesses do casal, que estava mais voltado para letras, ciências sociais, economia e história.

É certo que o ato de dedicar uma obra possui um sentido de “ofertar”, “presentear”, entre outros sinônimos, mas uma maneira de se aproximar, de estreitar laços ou de reforçá-los. Mas isso vem de ambos os lados, a receber a obra dedicada mostrar reconhecimento e de presentear o dedicatário com a leitura de sua obra.

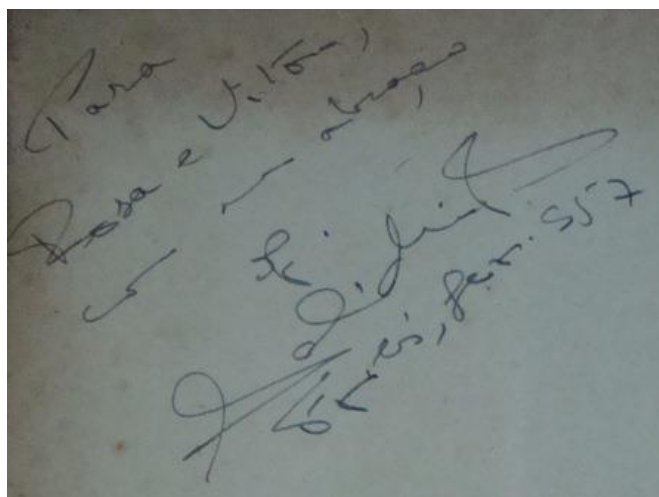
2.5.7 Salim Miguel: *Com um abraço...*

Libanês, vem ao Brasil em 1924 para residir em Biguaçu/Santa Catarina e em 1943 se muda para a Florianópolis. Começa a trabalhar no meio literário no qual, posteriormente, com outros jovens do meio intelectual contribuiu de maneira marcante para o investimento da cultura de Santa Catarina. Salim também atuava como jornalista e partilhava de ideias

voltadas ao socialismo. Importante salientar que em 1965 foi trabalhar na revista “Fatos e Fotos no Rio de Janeiro” retornando a Florianópolis em 1980. Salim também chegou a participar de círculos de intelectuais no Rio de Janeiro, antes mesmo de efetivar moradia lá.

Ao atentar para o lugar de onde Salim está escrevendo é possível pensar nas relações mantidas por Konder na capital do estado onde nasceu. Apesar de ter saído de Santa Catarina ainda quando jovem, Konder transitava por Florianópolis e mantinha laços, como é notável com essa dedicatória. Esses laços construídos em Florianópolis assemelham-se com os do Rio de Janeiro, grupos atuantes no cenário político e cultural, com anseios de expor seus ideais e suas críticas.

Figura 22 - Dedicatória de Salim Miguel, (acervo digital LabPac)



Fonte: MIGUEL, Salim. Rêde. Edições Sul, 1955.
Para Rosa e Vitor, com um abraço
 Salim Miguel (Assinatura)
 F,polis, Fev. 957

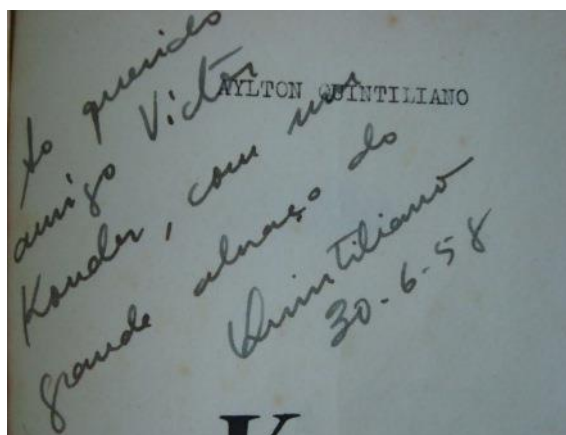
2.5.8 Aylton Quintiliano: *Ao querido amigo...*

Ao contrário dos autores comentados anteriormente, não foi encontrada a trajetória de Aylton Quintiliano nas ferramentas de busca da internet (Google). Seu nome se acha associado aos seus livros publicados: *A guerra dos Tamoios* (1965), *Caminhos da esperança: versos* (1959), *Renegados – um romance da vida real* (1961) e *A grande muralha* (1959).

A ausência de informações também dá espaço para pensar esse autor. As temáticas de suas obras colaboram para perceber alguns traços de Quintiliano. O livro *Renegados – um romance da vida real* permeava assuntos de cunho comunista, assim como a presença de palavras-chave como: União Soviética, comunista brasileiro, companheiro, são sintomáticas

na obra. Em meio a esses indícios é possível presumir que Quintiliano esteve de algum modo articulado com o comunismo.

Figura 23 - Dedicatória de Quintiliano, (acervo digital LabPac).



Fonte: QUINTILIANO, Aylton. Versos, 1958.
*Ao querido amigo Victor Konder, com um grande abraço do
 Quintiliano
 30-6-58*

Datada 1958, a dedicatória recebida apresenta a cidade do Rio de Janeiro como possível localidade da produção do registro escrito. É sabido que neste mesmo ano Konder vivia nesta cidade. Deste modo é imaginável inserir Quintiliano neste espaço. Não que este autor seja morador do Rio de Janeiro, mas que passou pela cidade e encontrou-se com Konder, um homem que, neste momento estava repensando suas ideias comunistas e estava ligado a um grupo de intelectuais.

2.6 PLENOS DE VESTÍGIOS

Observam-se com essas dedicatórias momentos diferentes e espaços diferentes em que Konder circulou. Os registros dos locais nas dedicatórias possibilitam falar um pouco da vida de Konder. As dedicatórias, maioria da década de 50, apontam como localidade marcante o Rio de Janeiro, o que faz entender sua relação com intelectuais deste local. O mesmo pode-se pensar já na década de 80, mas agora em Florianópolis, sabe-se que neste período já residia na capital catarinense, mas há em comum a relação com intelectuais desta região.

O assunto comunismo também demonstrou ser um aspecto em comum entre quase todos os autores. Alguns assumindo uma simpatia com o comunismo como Segismundo e outros atuantes no PCB, como Rangel e Costa Pinto.

De maneira ampla, tornou-se possível visualizar um pouco do perfil dos autores que dedicaram suas obras: figuras majoritariamente masculinas, inseridas em um grupo de intelectuais atuantes na política brasileira (ocupando até mesmo cargos políticos) nas décadas de 1940 e 1950 em especial e atuantes na cultura brasileira. Tais análises se encaixam nas afirmações de Sirinelli (2003, p. 249):

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar.

Ao ler esse excerto, e após conhecer alguns indivíduos que participaram do mesmo círculo de intelectuais de Konder, não há como não compreender os pontos que os interligam, ou seja, a união entre eles seja por esta por interesses ideológicos e/ou culturais.

Tudo isso, além de contribuir para pensar as redes mantidas por Konder, também vem a confirmar que o estudo das coisas antes banais, agora, com o olhar e questionamento do historiador, tornam-se documentos plenos de histórias a serem construídas. Afinal, quem diria que uma simples dedicatória poderia dar voz a tanta coisa?

As dedicatórias, assim como os livros, se mostram plenos de história e passíveis de serem estudadas. Entre palavras carinhosas e a assinatura do dedicatário há muitas coisas, como pode observar ao longo deste capítulo. Porém, deve-se ressaltar que Konder possivelmente ganhou outros livros, de outras pessoas, mas que estas por múltiplas razões não deixaram um registro, não se marcaram nas páginas e não marcaram esse pedido silencioso de leitura que é a dedicatória.

Bisbliotecar é viajar, também, pelas dedicatórias, por aqueles registros escritos, bem desenhados, guardados nas primeiras páginas dos livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão a que se chega é: não há final.

Este trabalho não se finda, mas sim, incentiva a produção de mais estudos no âmbito da história da leitura e escrita. O que se construiu ao longo das páginas foi um pequeno recorte de uma gama de possíveis estudos. Pode-se afirmar que, o desejo com este trabalho, acima de tudo, é expor como a pesquisa com indícios da ordem do comum, ou seja, silenciosos, costumam surpreender quando a ela é dada voz e atenção.

Alocados nas estantes, os livros aqui pesquisados guardam a presença do leitor por meio de suas marcas escritas às margens, seus objetos relíquia, suas assinaturas e dedicatórias, oferecendo, assim, “pistas curiosas a respeito do universo cultural” (CUNHA, 2009, s/ p.) em que Victor Márcio Konder estava inserido.

Esse mundo em meio a páginas, muitas vezes amareladas e ressacadas, comporta outro mundo: o do leitor. Assim notou-se o acervo bibliográfico mantido por Konder.

Mas antes de tudo, houve o que ousou denominar de um trabalho “braçal” que contribuiu para alcançar algumas conclusões, o que também permite afirmar que o historiador precisa ter contato com seus objetos de estudo, conhecer o “chão em que pisa” e ter a sensibilidade com eles, pois sem seus documentos seu ofício torna-se despido de possíveis histórias a serem criadas. Entrar no acervo de obras raras da BU/UDESC, abrir cada livro, olhar cada página, passar horas e horas em um espaço apertado, com cheiro forte característico de papéis antigos, foram tarefas fundamentais para pensar em como escrever este trabalho e, acima disso, ter a experiência, ainda que pequena, da relação historiador e os seus objetos de estudo.

Ao *bisbliotecar* – analisar cada um dos mais de 400 livros, olhar capa, autor, ano, as páginas, as marcas de leitura, dedicatórias e digitalizar boa parte dos materiais – foi possível traçar um perfil do leitor Victor Márcio Konder, pois “A biblioteca, com seu acervo [...], tenta compor os contornos mutáveis da identidade de seu dono.” (NETO, 2004, p. 42). Um homem de traços intelectuais marcantes, que acima de tudo mantinha em sua biblioteca livros articulados com suas atuações profissionais: professor (história, economia, educação), jornalista e comunista. O que, em princípio, colaborou para construir uma figura de intelectual no viés trabalhado por Albuquerque Júnior (2005).

Konder edificou ao longo de sua vida uma vasta biblioteca, com temáticas diversas e que ajudam a compor uma vida, já que contribuem para produzir discursos sobre o passado

deste homem, do período em que viveu e do espaço em que se encontrava. Os livros somados a seu dono mostraram padrões de sociabilidade, evidenciaram sensibilidades, ideias, construíram um professor, um jovem comunista, um jornalista, um ex-militante ao final de sua vida.

O levantamento realizado na biblioteca de Konder (marcas de leitura, dedicatórias, assinaturas, objetos esquecidos no livro) aponta para uma forte presença do leitor em meio a seus livros. Em valores numéricos, Konder deixou rastros em 54,3% dos livros, ou seja, das 414 obras que constituem parte do acervo que foi estudada, 225 insinuam sua presença.

Tais elucidações não procuram afirmar que este leitor leu todas as 225 obras por completo, ou que só leu esse número. Não há como comprovar quantos livros Konder leu, e se leu por completo, afinal “nossa vida é, na verdade, curta demais para que possamos ler os livros adquiridos por uma biblioteca.” (BATTLES, 2003, p. 14). Pretendeu-se, com as análises de seus livros, observar como as possíveis leituras que realizou ecoaram na vida dele, e como é/foi possível visualizar esses vestígios. E, por meio disso, contribuir para outros estudos que transitam por livros e por uma personagem leitora.

Nesse ato de *bisblotecar* houve a sensibilidade em estudar os pedidos silenciosos de leitura, ou seja, as dedicatórias encontradas em algumas obras. Novamente, os silêncios foram ganhando voz e trazendo ricas e inesperadas informações.

O levantamento das dedicatórias (obra, autor, ano, local, dedicatário, receptor) contribui para confirmar o que foi observado no capítulo 1 deste trabalho. Datadas em maioria das décadas de 40 e 50, as dedicatórias ajudam a confirmar o espaço em que Victor Márcio Konder vivia, assim como sua atuação nesse período. Rio de Janeiro é o pano de fundo marcante dessas dedicatórias e sabe-se que nesse período Konder residia nesta cidade.

Neste mesmo período é conhecido seu vínculo com o PCB. Os dedicatários, muitos deles autores das próprias obras ofertadas, assumem também esse vínculo com o partido, uns de maneira mais superficial, como Segismundo, outros mais atuantes como Rangel e Costa Pinto. No que tange os assuntos de cunho comunista, as dedicatórias foram boas fornecedoras de informações. Quando analisado os autores que dedicaram duas obras a Konder, evidenciou-se, quase em totalidade, uma ligação com o PCB ou com as ideias comunistas.

Assim como Konder, muitos dos dedicatários/autores mostraram-se agentes atuantes no cenário político e/ou cultural brasileiro. O que contribui para pensar que possivelmente havia diálogo entre eles, ou seja, havia uma rede que os uniam por interesses em comum.

Desta forma, essas dedicatórias ajudam a compor um momento da vida de Konder. Um homem militante do comunismo, estudioso desse assunto e que se articulava com aqueles

que compartilhavam dessas ideias, o que permite visualizar a formação de um grupo de intelectuais, a rede de sociabilidade da qual Konder participava.

Ao primeiro olhar, não nota-se essas informações em uma “simples” dedicatória que apresenta, em geral, palavras afetuosas em letras bem desenhadas. Mas como já é sabido, os documentos não falam sozinhos, precisam da ação do historiador, que vê nas entrelinhas o que, em princípio, não está presente. Esse registro escrito trouxe possibilidades de observar o cotidiano vivido por um grupo, com o auxílio do nome dos dedicatários, suas representações e significados das práticas sociais em determinados contextos.

Livros, marcas de leitura, objetos-relíquia e dedicatórias mostram-se plenos de histórias possíveis. Ao manter esses livros Konder também se constituiu como um sujeito, aqui analisado e construído, graças a seus vestígios deixados no interior dos livros. O acervo de Victor Márcio Konder, nesta perspectiva, mostra-se como uma tentativa pessoal de se manter vivo e lembrado em cada obra adquirida, anotada e enfim guardada (CUNHA; PHILIPPI, 2011).

Plenos de histórias possíveis, uma delas aqui construída por meio desses silenciosos, mas valiosos vestígios.

Que sejam muitas as bibliotecas escutadas!

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. In: PERUZZO, **Cicilia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de. A Mídia Impressa, o livro e as novas tecnologias. Intercom, 2002.**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. De Amadores à Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. **Trajeto (UFC)**, Fortaleza/CE, v. 03, n.06, p. 43-66, 2005.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1988, p. 9-34.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BESSONE, Tania . **Palácios de destinos cruzados. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)**. Rio de Janeiro: Arquivo NACIONAL, 1999.

BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BROOKS, Geraldine. **As memórias do livro**. São Paulo: Ediouro, 2008.

CARTERI, Karin Kreismann. O Livro Raro e os Critérios de Raridade. **Revista Museu**, 2005

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa :Difel, 1989.

_____, Roger. **O mundo como representação**. *Estud. av.* [online]. 1991, pág. 183.

_____, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. - São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada**, 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORADI, Joana Paula. **A dedicatória como expressão: um gesto das práticas de leituras**. 2007. 78 p. : Monografia (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de Biblioteconomia, Florianópolis, 2007.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**: os romances de M. Delly. – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/ as. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 40-61, jan./abr. 2006.

_____, Maria Teresa Santos. **Uma biblioteca anotada**: caminhos do leitor no acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60/ século XX). Maria Teresa Santos Cunha, org.. __ Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina: UDESC, 2009a.

_____, Maria Teresa Santos. Diários Pessoais territórios abertos para a História. In; Pinsky, Carla B. e Luca, Tania R.de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.p.251-279b.

_____, Maria Teresa Santos ; FERNANDES, M. N. . Manuais escolares e civilidades: A Série de Lietura Graduada Pedrinho (décadas de 50 a 70 do século XX). **Cadernos de Pesquisa**: Pensamento Educacional (Curitiba. Impresso), v. 3, p. 127-138, 2008.

_____, Maria Teresa Santos e PHILIPPI, Carolina Cechella. Uma biblioteca sem ordem. Figurações em torno do acervo de livros de um intelectual do século XX. In: RAMOS, Francisco Régis Lopes e SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo (Org). **Cultura e Memória. Os usos do passado na escrita da História**. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural-UFC/ Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

_____, Maria Teresa Santos. Rastros de leitura: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX). **Educação**. Porto Alegre, v.35, n. 1, p. 18-27, jan./ abr. 2012a.

_____, MARIA Teresa Santos. Na insegurança das palavras:livros e cadernos pessoais na biografia de um professor catarinense. Século XX/ In: **Territorialidades:imaginário, cultura e invenção de si**/Organizado por Cleusa Maria Sobral dias, Lucia Maria Vaz Peres- Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012b. p.187- 210.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da historia cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

DARNTON, Robert. **Boemia literaria e revolução**: o submundo das letras no antigo regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEAECTO, Marisa Midori. **O império dos livros**. São Paulo; EDUSP, 2011.

DELGADO, Márcia. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DELMAS, A. C. G. **“Do mais fiel e humilde vassalo”: as dedicatórias impressas para os monarcas D. João VI e Dona Carlota Joaquina no Brasil.** XXIV Simpósio Nacional de História/UNISINOS (São Leopoldo/RS), 2007.

ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro.** Rio de Janeiro (RJ): Record, 2010.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo.** São Paulo: EDUSP, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história/** Carlos Ginzburg; tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

GOMÉZ, Antonio Castillo. Me alegraré que al recibo de ésta...». Cuatrocientos años de prácticas epistolares (siglos xvi a xix). Manuscritos 29, 2011.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura.** 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Jornal Folha de São Paulo/Caderno Ilustrada/ 08/05/1987. “Ginzburg vasculha a Inquisição”. (Coleção particular de Maria Teresa Santos Cunha)

KONDER, Victor Márcio. **Militância.** São Paulo: Arx, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Fontes e História da Educação.** In: História da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Pág 77 – 96.

MAIO Marcos Chor. Uma Polêmica Esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o Tema das Relações Raciais. **Dados** [online]. 1997, vol.40, n.1 ISSN 0011-5258. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000100006>.

MAY, Patrícia Zumblick Santos. **Redes Político-Empresariais de Santa Catarina (1961-1970).** Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da UFSC. Florianópolis, 1998

MATOS, Felipe. **Uma Ilha de Leitura notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950).** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

MELOT, Michel. **Livro,** Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. Estudos Históricos.(Arquivos Pessoais)* Rio de Janeiro: vol. 11/n.21, 1998. p.89-103

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Papéis Guardados**. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio.(org.).**Cadernos à vista. Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

MINDLIN, José,; CÂNDIDO, Antônio,. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo**. São Paulo: EDUSP: Companhia das Letras, 2008.

MONOK, István. As bibliotecas privadas e a leitura na época moderna: uma visão geral dos rumos da pesquisa na Europa. In: **LIVRO: Revista do Núcleo de Estudo do Livro e da Edição**, nº 2, agosto de 2012.

NETO, Miguel Sanches. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PEREIRA, Chrystian Wilson. **'Por que me tornei comunista?': traços (auto)biográficos, memórias e leituras de um intelectual do Século XX Victor Márcio Konder (1920-2005)**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciencias Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis, 2012 . Disponível em : <<http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/0000000000016/00001671.pdf>>. Acesso em : 24/04/2013.

PROST, Antoine. . **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2008.

SCHAPOCHNICK, Nelson. **Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações na Corte Imperial**. Departamento de História- FFCCLH-USP/Tese de Doutorado.1999.

SCHWARCZ., Lilia (org.). **A longa viagem da Biblioteca dos Reis**. São Paulo; Companhia das Letras, 2002.

SEGAWA, Hugo. Bisbliotecar: intromissão nas bibliotecas alheias. In: **LIVRO: Revista do Núcleo de Estudo do Livro e da Edição**, nº 1, maio de 2011.

SEIXAS, Heloisa. **Uma ilha chamada livro: contos mínimos sobre ler, escrever e contar**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: **Por uma história política**. René Rémond (org.). Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

VICENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

VINÃO FRAGO, António. Por uma história da Cultura Escrita: Observações e Reflexões. **Caderno do Projecto museológico**, nº77. Santarém. Portugal. 2001.

